

A PALAVRA DO SANTO PADRE AOS IRMÃOS MARISTAS

Discurso aos Provinciais Maristas — 16/10/1961

Na manhã de segunda-feira, dia 16 de outubro, na Sala do Consistório, o Santo Padre recebeu em Audiência especial os Provinciais da Congregação dos Irmãos Maristas das Escolas, reunidos pela primeira vez em Roma, depois da transferência da Casa Generalícia de Lion para a Cidade Eterna, para os Exercícios Espirituais e para as reuniões de trabalho previstas pelo Capítulo Geral de 1958.

Guiava o distinto Grupo de Provinciais o Superior Geral Revmo. Ir. Carlos Rafael Argen, que estava acompanhado de seu Conselho e do Procurador Geral Ir. Alexandre Di Pietro.

O Augusto Pontífice dirigiu aos presentes palavras amáveis, lembrando que Ele tivera pela primeira vez notícias da Congregação deles em 1914, quando jovem sacerdote, assistia a seu Bispo, Mons. Radini Tedeschi, o qual, mesmo no curso de sua gravíssima doença que o deveria levar ao túmulo, prosseguia zelosamente em seu ministério pastoral e se interessava pelas várias atividades do apostolado cristão.

Foi precisamente à sua cabeceira que o Santo Padre viu uma recentíssima biografia do fundador dos Irmãos Maristas das Escolas, o Ven. Marcelino Champagnat, que foi depois beatificado pelo Sumo Pontífice Pio XII de f. r., a 29 de maio de 1955.

O encontro naquele dia com os filhos do Bem-aventurado era pois motivo de grande alegria para Sua Santidade que se rejubilava pelo desenvolvimento da Congregação que realmente vinha relembrar as palavras: "Deus haec mirabilia fecit".

O Augusto Pontífice alegrava-se depois pela transferência da Casa Generalícia de Lion para Roma, assegurando que encontrarão de parte da Santa Sé toda a assistência para um florescimento mais vigoroso ainda do Instituto.

Da invocação do Sangue preciosíssimo do Senhor o Augusto Pontífice tirava motivo elevado de novas exortações para chegarem, por meio de uma de-

dicação completa à causa do Evangelho e o abandono absoluto à vontade divina, também nas provas e nas dificuldades, à plenitude do serviço de Deus e das almas.

Depois da Bênção Apostólica, Sua Santidade entreteve-se ainda com os Religiosos, renovando as expressões de fêrvidos e paternais votos augurais para seu apostolado. (Oss. Romano, supl. sem., 23-10-61).



Boas Festas

A Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil apresenta a todas as Comunidades Religiosas calorosos votos de feliz Natal e de um santo Ano Novo.

Deseja-lhes, para cada dia de 1962, um crescimento contínuo na graça santificante, carregando diariamente a cruz na alegria de Jesus que vem a nós no Natal

Pede ao Todo-Poderoso a graça de ajudar as almas consagradas a Deus e todos os leitores desta Revista, a irradiarem ao redor de si a segurança triunfal do Menino Deus que vai à vitória da Cruz e da Ressurreição para o bem-estar material e espiritual do gênero humano.

A Diretoria da Revista da CRB, ao mesmo tempo que agradece a seus leitores a benevolência indefectível manifestada até agora, lhes pede um duplo e necessário favor: a colaboração de suas sugestões e críticas construtivas, e orações para que esta Revista atinja o nível e a eficiência que desejaria conferir-lhe, para maior incremento dos estados de perfeição e maior difusão do reino de Cristo Jesus e de sua Santa Mãe em terras brasileiras.

AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS FACE AO APÊLO PROVIDENCIAL PARA AS TAREFAS DO PORVIR (1)

Pe. Frei Dietmar Westemeyer OFM

A. — Quando, faz algumas semanas, fui solicitado para falar perante este seleto auditório, não acedi imediatamente. Ao saber, porém, do que se tratava, aceitei a incumbência, em virtude do grande alcance e urgência do assunto.

Esse grande alcance e essa urgência se deduzem da própria epígrafe: trata-se não simplesmente de tarefas vindouras, mas do apêlo providencial para as tarefas do futuro.

A palavra *providencial* deve ser usada com circunspeccão e parcimônia; pois pretende e exige muitas coisas. Revela que nos vamos ocupar com um apêlo extraordinário: apêlo, no qual distinguimos uma quase direta voz de Deus; apêlo ao qual devemos prestar ouvido mais atento e devotado do que a tantos outros acontecimentos da atualidade; apêlo de singular destaque nos desígnios da providência de Deus; apêlo que, talvez, justifique e exija recursos fora do comum, até mesmo resoluções heróicas. Tudo isto e muito mais encerra a palavra "providencial", derivada do latim: "providentia", já no sentido de provisão e precaução, já no de direção suprema de Deus.

Não é que procuremos justificar o emprêgo dêste termo, visto como, aplicando-se às diversas Congregações, difere muito no som e no conteúdo. Queremos, com isto, apenas, colocar-nos ao lado das Congregações cujo futuro lhes apresenta uma esfinge de semblante indecifrável. Para tais Congregações, apa-

1) Em 1960, de 12 a 14 de novembro, no Instituto "Meinwerk", entidade conhecida por tôdas as Congregações Femininas da Alemanha, em Paderborn, reuniram-se em assembléia 130 religiosas representantes de Casas-Mães (entre elas 60 Superiores Gerais e Provinciais), sob a direção de Elisabeth Denis. Foi a terceira reunião desta espécie; motivou-a o décimo aniversário de fundação do dito Instituto. O programa versou sobre antigas e novas tarefas no setor da Formação Feminina.

A seguinte conferência do Pe. Frei Dietmar Westemeyer, publicada na revista "Vita Seraphica", órgão da Província Franciscana de Santa Cruz, da Saxônia (Alemanha), e agora em tradução portuguesa de Frei Adauto Schumacher OFM, Bacabal-MA, com outro relato de Elisabeth Denis, inaugurou os trabalhos da reunião.

voradas diante dele, mas decididas a sobreviver, procuramos desenvolver algumas idéias, como o abrir de uma clareira para a conferência a seguir sobre as tarefas que o futuro lhes reserva.

B. — As seguintes exposições são, pois, preliminares, e giram em torno do imperioso problema da *próliferação* religiosa, sem, contudo, tratar dela diretamente. Pretendem, apenas, remover alguns obstáculos e impedimentos, muito generalizados e nascidos de certas idéias religiosas e ascéticas, com grande prejuízo da própria missão e encargo. Pretendem despertar o espírito para uma ação positiva em ordem a conseguir uma disposição reta, leal e corajosa ante o apelo divino.

Damos, primeiro, umas tantas *observações*, a estas juntaremos algumas *reflexões*, e daqui tiraremos certas *conclusões*.

1. OBSERVAÇÕES

1. A primeira observação versa sobre cifras, que procuram demonstrar quantos antigamente e quantos hoje se voltam para a vida espiritual, nomeadamente, a vida dos conselhos evangélicos. Ao passo que, logo após a segunda guerra mundial, com grande nervosismo, se verificava grande baixa dessas cifras, nos últimos anos elas se divulgam alvissareiras, ultrapassando as dos decênios passados, nas devidas proporções, incluindo-se, também, os institutos seculares.

Entrando em particularidades, as ordens contemplativas têm, relativamente, mais candidatos do que as sócio-caritativas; e, entre estas, as preferidas são as que mantêm missões entre os pagãos, as que colaboram intimamente com uma Ordem de religiosos sacerdotes, e as que recrutam vocações entre as diversas camadas sociais (parecer duma Conferência em Colônia, em começos de 1958). Este último fenômeno considerá-lo-emos mais abaixo, como também o fato do retrocesso das congregações sócio-caritativas, as quais, anteriormente, iam na dianteira.

2. A diminuição das vocações para a vida claustral dá-se não só em cidades, mas também na região rural. Naturalmente, há divergências de região para região. Ainda hoje existem comunidades fecundas em vocações, como também, antigamente, havia povoados sem produzir nenhuma, ao lado de localidades delas florescentes. Mas está positivado e fartamente documentado que a tendência para tais vocações diminuiu. Se noutros tempos diziam (e com certa razão), que toda moça, uma vez na vida, pensara em entrar num convento, hoje, porém, de nenhum modo se pode afirmar o mesmo. Para a maioria delas, está fora de toda a cogitação a hipótese de encarar, com seriedade, a entrada num convento ou sequer a possibilidade de uma tal vocação. Esta realidade assumirá, talvez, ainda proporções mais alarmantes, dado que a juventude, sempre menos e sempre mais fugazmente, topará com Irmãs religiosas nos lugares de seu trabalho: jardins de infância, creches, postos de assistência, escolas etc. Como poderá a mocidade apreciar e estimar o que não vê e com o que jamais entra em contato? Pelo contrário, mais facilidade encontrarão os pais para amortecer veleidades religiosas nos corações de seus filhos.

Sobre esta atitude fatal de muitos pais, não queremos, agora, falar expressamente. Há, neste particular, uma palavra terrível, mas imprescindível: "Defendei as filhas da perseguição de suas mães!".

3. As causas que afugentam da mocidade o pensamento do convento são múltiplas e divergentíssimas, para delas se poder fazer uma enumeração, mesmo grosseira, sem método. A causa capital parece ser a de que o mundo sobrenatural perdeu sua proximidade e vigor, e ainda os vai perdendo. Confira-se, por exemplo, a dificuldade de arregimentar os grupos juvenis, e a facilidade com que os nossos povoados católicos, outrora unidos e coesos, adotam e assimilam programas secularistas, ou seja, neutralistas. A isto acresce que a ausência de vida religiosa ameaça cada vez mais as células íntimas da vida social: como oprime a irrupção da irreligiosidade na vida familiar! O mesmo se verifica no âmbito das escolas mantidas por comunidades eclesásticas: diminui sempre mais o número do professorado, e os alunos não vêm êste com bons olhos fora do horário escolar.

Para estas causas capitais concorrem ainda os motivos naturais de toda espécie (cfr. com isto a conferência, rica de esclarecimentos, de Elisabeth Denis: "Sobre origem e desenvolvimento das casas de assistência de nossas Irmãs — Idéias para despertar vocações para a Caritas", Friburgo i. Br. 1960). Não poderá deixar de ser mencionado, também, o fato de que os Representantes da Igreja aproveitam muito pouco, deprimentemente pouco, as ocasiões para dirigir a vista dos fiéis para o convento e facilitar o contato da juventude com o mesmo. Será que assim procedem para a utilizarem em outros setores da Igreja, nos trabalhos paroquiais, nas creches, na cura domiciliar, temendo perder tal força valiosa, se seus candidatos à vida religiosa procurarem o convento? Às vezes predomina a idéia (nem sempre reservada em silêncio) de que faz dó perderem-se tais forças vitais enclausuradas num convento!

4. Parece impossível encontrar uma característica geral para designar o valor e a índole da juventude. Seu procedimento depende muito de seus contatos com os dirigentes que lhe moldam o espírito. Constitui, pois, um problema complexo determinar a essência da juventude; tantas vezes, sentimo-nos obrigados, com viva satisfação, a retificar nossos conceitos sobre ela e conservar-nos otimistas.

Em começos de julho, num trem expresso, topamos com uma turma de meninas colegiais da 3a. série ginásial, vindas de uma grande cidade; com seis delas passamos, em nosso vagão, umas horas muito amenas: uma delas tirou da mala o violão, as demais, os livrinhos de canto escritos à mão, e puseram-se a cantar os cantos de Père Duval, o canto da Oma, Diante de Madagascar, cantos juvenis, de permeio sempre os "Spiritual Songs". Como eram singelas, sem afetação! A presença ali de um "monge" não as constrangia, pelo contrário, parecia mais as desembaraçar e animar ao canto ininterrupto.

Quadro bem diferente, à primeira vista, proporcionou-nos uma semelhante turma colegial de Sauerland, em princípios de novembro. Difícil descrever o que fazia a diferença: se o penteado, se a pintura do rosto; se o comportamento; se as observações:.. Mais difícil, ainda, interpretar esta diferença. Eram

aprendizes de um instituto de beleza. Foram convidadas para uma convocação especial de cabeleireiros e cabeleireiras para ouvir uma pregação de missão, nas primeiras horas da tarde de um dia longo e no fim de longas aulas na sua escola técnica. É bom ter a opinião reservada. A mais disso, também, estavam na idade em que as moças (estas em maior intensidade do que os rapazes) revelam qualidades orgulhosas, que antes não tiveram nem depois mais terão, e que nada têm a ver com a sua personalidade. Todavia, pode-se afirmar que a promiscuidade de moças advindas de muitas comunidades prejudica a boa índole que tenham; as moças dirigentes da opinião, em tais conglomerados, produzem um ambiente nada propício a vocações religiosas. Para estas ali se não perderem, necessitarão de cuidados especiais e precisarão, mesmo, serem removidas para outro ambiente.

5. Falando das causas provenientes dos filhos do século (sem exclusão dos Padres Seculares), nem por isso devemos olvidar as causas a pôr na conta das próprias Irmãs em particular, e da congregação religiosa em geral. Deixemos de parte as causas oriundas da conduta ou culpa individuais. Toquemos, ao de leve, naquelas que procedem das decisões dos supremos responsáveis, p. ex., que, de preferência às Irmãs dos hospitais, retiram-se, para preenchimento de vagas, as Irmãs ambulantes que sempre mantêm vivo o contato com o mundo exterior. É o que parece acontecer, mas, talvez, seja de fato mera aparência, por falta de substitutas, em casos imprevistos de morte ou caduca velhice. Seja como fôr, já é uma realidade que, mesmo em comunidades e localidades católicas, onde costumavam aparecer as boas Irmãzinhas, cada vez mais diminui a probabilidade de alguém as encontrar ali ainda.

6. Mais que esta retirada exterior e perda de contato com as Irmãs pesa a verificação de que Irmãs e Congregações, em conjunto, não resolveram e não resolvem o lado positivo de suas relações com o mundo (o que abrange mais do que o modo prático de proceder de cada indivíduo religioso, mas que rebrilha neste procedimento prático). Umhas não têm, sequer, consciência do mundo e seus valores; outras conservam a relação com o mundo num estado indefinido, outras a consideram, entre câimbras e convulsões, como assunto de decidido retraimento. Certo é que nem sempre (não será mister dizer: só raras vezes) encontraram o caminho para aquela apreciação positiva do mundo, de suas forças e virtudes e de suas tarefas, como é também possível, e fundamentalmente, também, desejável, que a tenham, igualmente, os cristãos seguidores dos conselhos evangélicos. (cfr. Bernhard Haring CSSR, Friedrich Wulf SJ). Experiências neste sentido explicam o procedimento de mães, elas mesmas educadas em Internatos de Irmãs, a não quererem confiar mais suas filhas aos educandários das Irmãs.

Eis o que escreve Friedrich Wulf SJ, partindo da descrição da piedade de muitos cristãos seculares, eis o que ele escreve a respeito de Religiosas em ordem ou congregação e de sua piedade distanciada do mundo (v. *Vida Espiritual no Mundo de Hoje*, Friburgo, 1960):

“A piedade de muitos cristãos costuma, hoje, levar dema's para o isolamento, para uma falsa interioridade e contemplação, a um encerramento perante

o mundo que, simplesmente, desconhece não só o trabalho apostólico do cristão, senão também o seu valor essencial no mundo. Exercita-se uma ativa vida religiosa, mas esta vida pende demais para um lado e liga-se demais a si mesma, ao desenvolvimento e perfeição da própria alma; restringe-se a uma existência própria, sem nexos íntimos com as outras vidas; não abrange o mundo circundante e, principalmente, o próximo em seus próprios sentimentos e próprias forças formativas...".

"O que isto quer significar, vê-se algumas vezes, com muita exatidão, em Irmãs religiosas. Abstração feita no tocante às circunstâncias externas e aos hábitos de vida, em que diferem do resto da humanidade, não raro vivem tão intensamente em seu particular mundo religioso (até o ponto de falar em linguagem própria e pensar em categorias próprias), que junto a ele, para elas, o mundo comum já não tem nenhuma existência significativa. Isto pode chegar a tal excesso, que todo o trabalho se degrada a simples execução, e o ofício (enfermagem, ensino) já não é considerado em seu sentido e valor iminentes mas como ofício divino; a tal excesso, enfim e sobretudo, que o encontro com o próximo se resume num simples formalismo exterior. De nada interessa a vida íntima do próximo, ela fica pois, estranha ao próprio coração. Não se tomam como próprios, os seus anseios, seus cuidados, suas necessidades. Não mais se sente a vida de outro como mistério, como tesouro, como vida de irmão e irmã, por quem se arrisca a vida e a quem se dá o coração. O próximo e companheiro fica, para todos os efeitos, um mero objeto de conversão, dos cuidados espirituais, da assistência corporal ou espiritual".

Wulf, então, acrescenta: "Encontra-se uma tal piedade só nos conventos? Cremos que não. Parece ser uma lei dos tempos hodiernos que o homem piedoso tende, com facilidade, a fugir à inquietude e impiedade modernas em busca do mundo da paz divina e da elevação divina".

7. Tal tendência a eliminar a correlação com o mundo, a eliminar da piedade a responsabilidade pelo mesmo, não é, com efeito, de hoje, mas constitui, como frisou Friedrich von Hügel¹, convertido inglês, uma das raízes da irreligiosidade e impiedade do mundo contemporâneo (*Amor Divino e Responsabilidade Mundial*, Wuerzburg, 1956): ela fez que a Religião fôsse e ficasse infrutífera.

A supor seja verdadeira esta explicação da infecundidade do Cristianismo e da Igreja, não se explicará, acaso, de igual maneira a infecundidade das Ordens religiosas? Não será ela, também, um fruto natural da falta da coordenação universal e da responsabilidade mundial?

II. REFLEXÕES

Na tripartição de nossas exposições, e nesta hora presente, que designamos ser uma hora providencial, é esta segunda parte a mais importante.

O qualificativo providencial refere-se a um mundo de coisas: a apresentação das tarefas, suas exigências às Congregações, a intimação a uma reflexão afoita, a possibilidade de recomeçar, a oportunidade de salvação num beco.

sem saída. O pressuposto para execução eficiente das novas tarefas é a vontade decidida de abrir o coração a este apêlo; a prontidão de mesmo mudar de direção, com prudência e espírito de sacrifício, no caso de precisão.

Descrivendo, assim, o que entendemos sob "apêlo providencial", pressupomos uma igual mentalidade de todos sobre a essência e valor de uma vida segundo os conselhos evangélicos. Não é só em parte que os conventos pertencem ao campo em que se manifestam o poder e a operosidade do Espírito Santo; também fora do grande barulho do mundo, constituem êles as grandes manifestações do Espírito Santo e testemunhas de seus carismas, que êle não deixa extinguirem-se na história da Igreja. O modo como Cristo falou acerca dos votos evangélicos faz vislumbrar que tôdas as Associações e pessoas que dêle dão testemunho estão no âmago da Igreja. O valor destas Associações e pessoas não está, primeiramente, nos seus serviços úteis que prestam à Igreja, nos hospitais, nas escolas etc., mas, acima de toda contestação, na sua total dedicação a Cristo, no louvor de Deus, no sacrifício de si mesmas em união com o sacrifício de Cristo, intensificando tudo no amor que ultrapassa toda a compreensão (Ef. 3, 19). Neste enquadramento dirige-se o apêlo às Congregações da Igreja, nas quais se espera mais amor compreensivo do que em qualquer outro lado; e também, porque compartilham do sôpro do Espírito Santo, delas se espera mais lealdade e sinceridade para receber a amorosa graça de Deus e retransmiti-la à vastidão do mundo.

Dentro desta mentalidade, em que todos somos concordes, é que nos permitimos resumir tanto a formulação dos pressupostos e reservar tempo e espaço para estas *reflexões*: deverão mover-nos aos primeiros arrancos para tornar os tesouros carismáticos em frutíferas dádivas de Deus ao nosso tempo, em insubstituível dote divino para a formação feminina de nossos dias, ao invés de os ocultar, fora da circulação, em caixa-forte.

Em suma, trata-se de um dever elementar da vida religiosa de hoje. Bem grande parte dos cristãos não consideram mais uma religião viva a da vida religiosa: desconfiam muito dela, considerando a vocação de Deus a nós e a correspondência a êle pela entrega pessoal, não como vida vivida, mas como usanças antigas retiradas de algum museu. Ou muito nos enganamos, ou há mesmo Sacerdotes imbuídos duma falsa visão quanto à genuidade e profundidade, seriedade e extensão de nossa ligação com Deus. Temos à nossa frente, portanto, grandes apreensões e tarefas a cumprir.

1. Um dos mais freqüentes motivos que gera tais atitudes preconcebidas parece consistir em certos exercícios de piedade, certas fórmulas e expressões de diálogos com Deus, que o homem hodierno mal ou nada compreende, nem pode adotar ou assimilar; há modos de exprimir, exquisitíssimos, insossos e, mesmo, de mau gosto, e daí deduzem muitos que a oração amortece ou deprava o bom gosto.

Este "escândalo" anotamo-lo não tanto por causa dos que estão de fora, pois estruturamos a nossa vida religiosa não com vistas a obter completa adesão compreensiva dos mundanos, como também exigimos, para nós, um método próprio de vida, mesmo com certas singularidades que não são da conta desses.

Não é por causa dêles, mas por nossa causa, e, especialmente, por causa das candidatas que farão proliferar nossas congregações, das nossas postulantes e noviças. Estas, afiliando-se a nós, não deverão sentir-se como os pagãos, nos tempos apostólicos, aos quais alguns queriam obrigar a se tornarem primeiro judeus, a se iniciarem primeiro na piedade judaica, para depois se fazerem cristãos. Sem quebra de tradição, a nossa piedade deverá ser de tal estôfo, que qualquer filho do mundo atual a possa absorver sem necessidade de uma total reviravolta ou retorsão psíquica e espiritual.

Sempre de novo, especialmente nos capítulos gerais e provinciais, deverá fazer-se uma nova revisão dos exercícios de piedade da comunidade e das orações feitas em comum. Se no atual teor correspondem plenamente à realidade de nossa fé, se condizem com o nosso modo de sentir as coisas na atualidade, se, portanto, são verazes e genuínas; se, também — e a isto damos um valor destacado — auxiliam, eficazmente, a realizar o sacrifício total de si a Deus, inaugurado com a profissão, e a renová-lo em constante vivência. Para tanto, volvamos os olhares, a tóda hora, para o essencial: nossa união com Jesus Cristo, nossa vida sacramental, litúrgica e bíblica. Estes dons fundamentais de Deus confiados à Igreja, constituem os insubstituíveis dons da Igreja de Deus de que nós usufruímos.

2. Outra facêta descobrimo-la em nossa piedade, investigando o quanto ela constitui simples devoção ou práticas piedosas e o quanto a mesma constitui legítima piedade operosa norteadada pela fé.

Esta investigação inclui o estudo de nossa relação com o mundo. Sob "mundo" entendam-se os valores dêste mundo, da criação, da cooperação com esta obra divina, e não o seu borbórinho, a comunicação com o meio social ou a correspondência com os homens do século.

Gostamos designar nossa entrada no convento como saída do mundo: "Exivi de saeculo" dizia já S. Francisco de Assis, dando a entender que saiu de um mundo sem a tendência para Deus, e encetou uma vida dirigida para Este por meio de Cristo, segundo o Evangelho (cfr. Rigobert Koper OFM, Werl, 1959), tudo relacionando com o mesmo Deus: também as criaturas e suas prendas, também os bens terrenos, também a liberdade, também a vida em comunidade, vida esta comum que tem seu símbolo mais expressivo nas primitivas relações do eu-e-você do casamento, produzindo a grande realidade do tornar-se-um-só em Deus e por causa de Deus.

Os votos evangélicos têm muito a ver com êstes dons primitivos da Criação. Não excluem os seus valores, nem os podem excluir, pois a sua base e fundamento é a própria Encarnação de Deus; antes, constituem uma nova afirmação da criação, nascida nova da Encarnação, e tanto mais sincera e profunda, quanto sempre renovada. Os votos não são, apenas, renúncia, mas especial culto divino com a mais firme disposição de absoluta fidelidade no serviço de Deus, como êle nos revela pela Criação, seus reinos e sua evolução, considerando e realizando tal serviço de Deus com tóda a compenetração: junto aos doentes, à juventude, à veihice, às famílias etc.

O que ficou dito tem importância para a nossa visão claustral da piedade:

diz que nossa piedade não se pode restringir à simples tarefa de executar os exercícios pios prescritos. Façamos mais explicitamente: diz que também nós religiosos devemos considerar a piedade, não só e principalmente, como tarefa a executar como está no Livro de Reza, mas que a situamos, bem como os demais cristãos, no mandamento do amor, de que ardemos para com Deus e para com os homens, e que a concretizamos com o serviço divino e com o serviço humano, numa singular interdependência dos muitos serviços. Há os momentos de tensão e nervosismo entre oração e trabalho, e também entre oração vocal e oração mental. Sofremo-los no convento, sofrem-nos os fiéis no mundo, e talvez mais. Também aqui está a nossa tarefa: servir de modelo e de alívio ao cristão militante do mundo a vencer êstes transes difíceis.

De certo, as dificuldades não se resolvem por medidas extremas, nem pelo menoscabo dos exercícios piedosos, nem sobre-estimando-os. De nenhum modo, porém, merecem ser salientados como a primeira e única justificação do estado religioso, nem mesmo constituem a mais tênue justificação deste, como motivo para sufocar a liberdade, que tem seu lugar de honra também nos conventos; dela vivemos nós e também as Irmãs noviças e recém-professas.

E' sintomático e merece a nossa atenção o fato de que as rezas obrigatórias não obrigam sob pecado nenhum — certamente, também, pela razão de que todos êstes exercícios, no conjunto e em particular, não constituem os deveres supremos e mais sagrados. Nada obstante, a oração fica sendo a alma de tudo: quanto mais nossa piedade cessar de constituir mera tarefa a cumprir, e passar a ser espírito e vida, tanto mais facilitará às nossas Irmãs, como mulheres e cristãs e religiosas, dar o devido aprêço ao trabalho como manancial de bênçãos para si e para outros. Isto, com efeito, interessa muito a nós todos.

Os responsáveis deveriam, pois, revisar o grau de formação ético-profissional proporcionado às suas Irmãs. A capacitação ético-profissional é tão importante como a formação espiritual, ambas andam de mãos dadas. Omissões neste setor deverão ser radicalmente sanadas. Aqui pode ser encontrada uma das causas capitais do lento definhamento de Congregações mesmo de finalidades supernaturais.

(Continuará no próximo número)

O QUE A VIDA HOSPITALAR EXIGE, HOJE, DAS RELIGIOSAS

Irmã Margarida Villac, P.d.C.

“Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria... E o anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus, eis que conceberás e darás à luz um filho e por-lhe-ás o nome de Jesus... Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 26, 27, 30, 31 e 38).

Elevada à união mais íntima e profunda com o Verbo, Maria ao mesmo tempo aceita a maternidade do Corpo Místico de seu Filho, com tôdas as consequências que ela encerra. Desde então, Mãe do Cristo total, começa para a Virgem de Nazaré uma nova fase, de dedicação ainda mais absoluta e integral a Deus e à humanidade.

Também nós, chamadas à união com Cristo, em nossa doação a Ele abraçamos, por vocação e profissão, os interesses da humanidade por Ele remida e desde então nos consagramos aos nossos irmãos sofredores.

Que Maria Santíssima, portanto, Exemplar vivo de fidelidade ao chamado do alto, nos alcance a graça de bem correspondermos à vocação sublime que recebemos e abraçamos, numa entrega total a Deus e numa dedicação constante àqueles que um dia serão para sempre “nossa alegria e nossa corôa”.

O tema que temos para nosso estudo abrange um campo vastíssimo e complexo. Exigiria de quem o abordasse uma visão clara e profunda dos problemas sociais que a vida atual nos obriga a enfrentar.

Considerando nossas limitações e exigüidade do tempo de que dispomos, pedimos a Deus que supra estas lacunas, ajudando-nos a trazer-vos palavras capazes de aumentar o vosso entusiasmo, num momento tão grave da vida da Religiosa enfermeira. Desejaríamos dar-vos estímulo e coragem para que cooperásseis cada dia mais no alívio da miséria física e moral da humanidade sofredora.

Vamos dividir o tema em três partes:

- 1 — Evolução da Enfermagem como profissão;
- 2 — Influência do progresso da Medicina sobre a Enfermagem;
- 3 — Influência do progresso da Administração Hospitalar sobre a Enfermagem.

I — EVOLUÇÃO DA ENFERMAGEM COMO PROFISSÃO

A) — HISTÓRIA DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Sei-do esta exercida em sua maior parte dentro dos hospitais, para estudarmos a sua evolução, faremos rápidas considerações sobre os hospitais, a partir da era cristã livre.

Foi com Constantino, em 313, que a Igreja teve a sua liberdade de culto e pôde dar maior expansão a suas obras de caridade. O mais antigo hospital cristão, destinado a doentes e inválidos, parece ter sido construído antes de 350, por Santa Helena, mãe do Imperador. Ficaram célebres os hospitais cristãos fundados nessa época por S. João Crisóstomo, S. Jerônimo, Fabíola e sobretudo por S. Basílio, que levantou, ao lado de Cesareia, uma verdadeira cidade, com suas obras de caridade, entre as quais estavam um hospital e um leprosário. Este mesmo santo deu grande impulso à organização das Diaconizas. Dado o seu prestígio, conseguiu isenção de impostos para os estabelecimentos de assistência.

Do Mosteiro dos Beneditinos, em Monte Cassino, irradiava não só a mais bela ciência cultural, como também caritativa. Entre suas dependências havia um hospital com enfermarias, unidades de isolamento, farmácia, banheiras e instalações para médicos, administradores e biblioteca, a mais rica em bibliografias. Pessoas simples e grandes damas, como fruto da formação espiritual que recebiam dos monges, dedicavam-se com abnegação e carinho aos cuidados dos doentes. Estas, chegaram a transformar seus palácios em hospitais.

As abadessas também muito fizeram pelos hospitais e pessoalmente dispensavam cuidados aos enfermos. Assim temos Santa Radegunda, que renunciou ao trono da França e fundou um convento destinado ao tratamento dos leprosos; Santa Hildegarda, de família nobre alemã, que, além dos cuidados prestados aos enfermos, escreveu vários trabalhos sobre diferentes moléstias e seus tratamentos.

Admite-se que o primeiro hospital cristão na França tenha sido o "Hôtel Dieu" de Lyon, fundado por Childelberto, em 524. O de Paris foi criado em 660 pelo Bispo de Landry.

Dos hospitais da Idade Média, a história registra detalhes preciosos sobre sua arquitetura e regulamentos, já fazendo menção de enfermarias para homens, mulheres, convalescentes, especialidades médicas; boxes para isolamento, ambulatórios, cozinha dietética, biblioteca, asilo de órfãos, etc..

Os médicos possuíam um Diretor Clínico e eram auxiliados por enfermeiros dos dois sexos.

Citaremos apenas a época das Cruzadas, período que viu nascer organizações de caráter religioso e militar como os Cavaleiros de S. João de Jerusalém, os de S. Lázaro e os Cavaleiros Teutônicos.

Com o fim de libertar os cristãos escravos das mãos dos sarracenos, surgiram nesta ocasião as ordens dos Trinitários e Mercedários que ainda hoje prestam seus serviços à Igreja.

Entre a multiplicidade de obras de assistência movidas pela Igreja de Cristo, infiltraram-se elementos que pouco a pouco se afastavam dos verdadeiros princípios da doutrina, o que provocou o início de sua decadência no século XIII.

A causa principal da decadência do serviço hospitalar teve portanto por base a diminuição do espírito cristão.

A reação vem rápida e tem o seu maior expoente em S. Francisco de Assis. Ele é por demais conhecido, para que se entre em detalhes sobre sua grande obra de elevação do espírito de fé. Conhecemos também os grandes vultos da Igreja surgidos de sua Ordem Terceira: S. Luiz, Rei da França, Santa Isabel da Hungria, Santa Isabel de Portugal.

A organização de S. Domingos, também com sua Ordem Terceira teve sua grande representante em Santa Catarina de Siena.

Ao lado do espírito cristão, que realizava, por seus elementos científicos e portanto de maneira bastante rudimentar, vemos a ciência desenvolver-se, trazendo grandes progressos à medicina. Além das Escolas Médicas aparecem as Universidades, que se multiplicam pela Europa.

A enfermagem torna a decair com um novo esmorecimento da fé, que atinge dolorosamente os elementos que até então se dedicavam aos doentes e vai culminar na reforma protestante no século XVI. Quebra-se a unidade da Igreja e o elemento religioso é expulso dos hospitais da Inglaterra e da Alemanha.

A Igreja, acostumada a refazer-se das fraquezas humanas e tendo em seu seio a Fonte das graças, que emanam do lado aberto do Salvador na cruz, reagiu contra a decadência extrema da época pela contra-reforma, cujo ápice foi o Concílio de Trento.

Houve um verdadeiro florescimento de ordens religiosas, duas das quais para o apostolado dos enfermos.

A primeira, iniciada antes do Concílio, mas só depois aprovada, é a dos Irmãos Hospitalares de São João de Deus, que começou com um pequeno hospital em Granada, onde eram os doentes tratados com tanta caridade, que em breve atraíram a atenção e os auxílios da alta sociedade e das autoridades.

A segunda foi fundada por S. Camilo de Lellis, que observando como os enfermeiros assalariados cumpriam muito mal o seu dever, deixando que os pobres doentes sofressem muitas privações, começou a angariar enfermeiros que iguais a ele, tomassem este encargo por amor de Deus. Os membros de sua comunidade religiosa obrigam-se a tratar dos doentes sem esperar recompensa, a não ser de Deus.

No século seguinte surge S. Vicente de Paulo, criando as suas Irmãs de Caridade para se dedicarem não só aos pobres internados no "Hotel Dieu" de Paris, como também aos doentes em suas mansardas. Com alegria e prazer lhes falaria de meu Santo Pai, mas é ele demasiado conhecido por todas, como o precursor do Serviço Social e das Irmãs enfermeiras domiciliares, hoje chamadas enfermeiras de Saúde Pública.

Limitar-me-ei a revelar-lhes, com licença especial dos Respeitáveis Superiores Maiores, uma parte anexa às nossas Santas Regras e que darão a todas

a possibilidade de compreender até que pormenores chegaram o amor e a inteligência do pobre em S. Vicente. É o trecho seguinte, tradução de uma parte de um manuscrito que tem hoje 327 anos de existência e que se intitula: *Normas para o trabalho das irmãs que se ocuparão dos doentes internados ou a domicílio*:

1) — *Para a Irmã responsável pelo serviço do hospital.*

a) — Lembrar-se-á e o fará lembrar as suas companheiras, que estão no hospital para servir a Jesus Cristo na pessoa do pobre e assim o honrarão, tratando-o com compaixão, mansidão, cordialidade, respeito e devoção, mesmo os desagradáveis.

b) — Para que o movimento e ordem do hospital seja perfeito, só ela tratará diretamente com os Senhores Administradores, sobre as necessidades dos vários serviços e d'elles receberá as ordens que transmitirá às Irmãs e demais servidores.

c) — Providenciará para que diariamente os doentes sejam visitados pelos Capelães, Médicos e cirurgiões.

d) — Visitará diariamente os diferentes serviços do hospital, informar-se-á do estado dos doentes, para saber como estão sendo tratados e de que necessitam.

e) — Velará para que haja sempre bom entendimento entre as várias dependências, a fim de que os pobres sejam melhor servidos.

f) — Estará sempre ao par dos doentes que são internados, para que o sejam segundo a ordem da Administração e dos que têm alta para dizer-lhes uma palavra que os anime a continuarem a bem viver e consolar os que saem a contra gosto, inspirando-lhes confiança em Deus, que não os abandonará.

g) — Fará anualmente o inventário do hospital, móveis, aparelhos, instrumental e roupa, para verificar o que aumentou ou diminuiu, assim como o que necessita de reparo ou substituição.

h) — Apresentará as contas, receitas e despesas no dia determinado pelos senhores administradores, sendo estas assinadas por eles.

2) — *Para a Irmã encarregada de receber os doentes no hospital.*

a) — Recomenda em primeiro lugar chamar o médico de plantão para examinar o enfermo e pedir-lhe por escrito suas ordens.

b) — Fazer o registro do doente tomando num livro o nome, sobrenome, idade, estado civil, profissão, religião, nacionalidade e endereço.

c) — Que a Irmã faça o rol da roupa e lista dos objetos que pertencem ao doente, para lhe ser tudo entregue, segundo o registro, no momento da alta, ou, em caso de morte, para poder prestar conta à Administração do hospital. Nesta oportunidade poderá pedir uma Missa por alma do doente falecido.

A roupa do paciente, se necessário, deverá ser mandada para a lavanderia antes de ser guardada.

d) — Ter o cuidado de chamar imediatamente o Padre para os doentes graves e procurar exortá-los com jaculatórias a fazerem atos de amor de Deus e confiança na Misericórdia Divina.

3) — *Para as Irmãs enfermeiras*

a) — As Irmãs enfermeiras do dia terão um encontro com as da noite, para se porem ao par do que se passou à noite, e o estado em que se acham os doentes.

b) — Farão a oração da manhã e distribuirão o café, ocupando-se de fazer comer os mais graves, dando-lhes caldo, ovos frescos, manteiga, maçãs cozidas ou assadas no vinho ou outras cousas conforme a prescrições médicas.

c) — Cuidarão em primeiro lugar dos agonizantes.

d) — Farão a higiene dos doentes, as camas e velarão pela ordem da enfermaria.

e) — Darão os remédios nas horas marcadas.

f) — Farão os curativos que estiverem a seu cargo.

g) — Acompanharão a visita médica, tomando tôdas as notas por escrito.

h) — Sempre que os doentes apresentarem sintomas alarmantes, procurarão imediatamente o médico e farão o que lhes fór ordenado.

i) — Procurarão instruir os doentes das cousas necessárias para bem viverem e principalmente para bem morrerem.

j) — Farão de tempo em tempo entre elas, conferências sôbre assuntos que interessam à enfermagem, pois quanto mais instruídas forem, melhor praticarão o bem.

4) — *Para as Irmãs do plantão noturno*

a) — Fazer com a Irmã enfermeira do dia uma volta pela enfermaria para se pôr bem a par do estado de cada doente.

b) — Tomar cuidado, no comêço da noite, de preparar tudo que possa necessitar para os doentes graves.

c) — Ter um cuidado especial com os doentes muito graves, dando-lhes por vêzes um pouco de liquido.

d) — Se houver algum doente em perigo de morte e que não esteja preparado, mandar chamar o Padre.

e) — Lembrar-se também que o tempo das trevas é o tempo do demônio e que por isso se devem acautelar de tudo, recorrendo a Deus e ao seu bom Anjo.

5) — *Para as Irmãs encarregadas da alimentação*

a) — Que dêem o que está prescrito, procurando com delicadeza convencer os que não podem comer o que desejam, de se submeterem à prescrição médica.

b) — Que dispensem cuidados especiais aos que por fraqueza ou por outro motivo não possam se alimentar por si.

c) — Que relatem à Superiora o nome dos doentes e o motivo pelo qual alimentam-se pouco ou recusaram o que lhes foi apresentado.

d) — Observar bem as horas marcadas.

6) — *Para a Irmã da cozinha*

a) — Às quatro e um quarto acenderá o fogo e porá para aquecer o

caldo necessário para os débeis, tendo o cuidado de pôr unicamente o suficiente para cada hora, porque o caldo, cada vez que se aquece, torna-se mais salgado.

b) — As quatro e três quartos fará a entrega nos serviços do caldo e mais o que tiver sido pedido para esta hora.

7) — *Para a Irmã da lavanderia*

a) — Deverá entregar a roupa à lavadeira com o rol bem especificado.

b) — Terá o cuidado de mandar lavar logo os lençóis, para que estes possam ser trocados nas camas diâriamente.

c) — Terá o cuidado de examinar a roupa limpa antes que seja dobrada, para separar a que deve ser consertada ou mesmo substituída.

d) — Fará a entrega da roupa nos diversos serviços com o rol.

8) — *Para as que vestem os mortos*

a) — Ter o óbito firmado.

b) — Deven usar a maior modestia e discrição, em respeito ao corpo que foi o templo do Espírito Santo.

9) — *Para as Irmãs enfermeiras a domicílio*

a) — Procurarão consolar, animar e instruir os pobres doentes.

b) — Procurarão bem dividir o seu tempo, a fim de que os doentes recebam os remédios e tratamento nas horas marcadas.

c) — Só darão medicamentos e alimentação prescritos pelo médico.

d) — Nos casos de urgência poderão socorrer os doentes enquanto aguardam a chegada do médico.

e) — Não se ocuparão das pessoas ricas, a menos que não exista quem as possa socorrer.

Dessas normas dadas por São Vicente às Filhas da Caridade, citamos mais a parte material. Todos sabem que o grande santo da caridade só agia movido pelo sobrenatural, procurando reproduzir em suas palavras e atos o Cristo e legou a suas filhas êste amor dos santos Evangelhos, fazendo-as servas dos pobres doentes, erva do próprio Cristo, que disse: "Tudo o que fizerdes a um desses pequenos, a mim o fareis".

Após S. Vicente, só bem mais tarde, em 1813, é que encontramos na Irlanda a formação da congregação das Irmãs de Caridade irlandêsas, por Maria Aikenhead.

Apareceram na Alemanha e na Inglaterra ordens protestantes, que procuraram copiar as antigas Diaconizas.

Dé todos os conhecimentos que temos em relação ao serviço de enfermagem das religiosas até a primeira metade do século XIX, podemos concluir que era êste feito com grande espírito de abnegação e dedicação, pois não dispunham de escolas especializadas e aprendiam umas com as outras pelo desejo que tinham de aliviar e confortar corporal e espiritualmente o próximo, copiando o Bom Samaritano do Evangelho.

Hospital moderno

O hospital moderno difere em tudo e por tudo do antigo; devendo

acompanhar a evolução da medicina, poderia se dizer paradoxalmente que o moderno vai ser o construído amanhã, porque o de ontem já está falho, tal a rapidez com que a medicina se desenvolve. Outrora as enfermarias eram grandes, o pé direito de altura excessiva e os doentes internados indiferentemente nesta ou naquela sala, sem discriminação sobre o ponto de vista etiológico e sem classificação médico-cirúrgica. Hoje as enfermarias são pequenas e possuem tôdas as facilidades e bem estar necessário aos doentes, pois é o hospital construído para o doente e não o doente feito para o hospital. O hospital moderno deve atender satisfatoriamente a tôdas as exigências das últimas descobertas médicas. A sua finalidade não se resume na parte curativa ou preventiva, mas estende-se à educativa, formando médicos, técnicos, enfermeiras, desenvolvendo a ciência por meio de suas pesquisas, a qual além de debelar as moléstias, reabilita a vida normal àqueles que por um fator patológico a tinham diminuída física ou espiritualmente.

Hoje, para exercer com eficiência as suas finalidades, o hospital deve ser garantido por quatro fortes colunas: Administração — Corpo Médico — Enfermeiras e Assistentes Sociais.

A enfermagem moderna

A enfermagem moderna para poder ser realmente uma das colunas mestras no funcionamento do hospital, necessita que a sua estrutura seja baseada na nova orientação técnico-científica, para preencher cabalmente suas funções: técnica, didática, administrativa, social e espiritual.

Para que a enfermeira possa obter a formação exigida por sua profissão foram criadas Escolas, sendo a primeira, fundada a 9 de julho de 1860 por Florence Nightingale, no hospital São Tomás, em Londres. Estas vêm ano a ano procurando se aperfeiçoar e para isso, têm influído em nosso Brasil a associação da classe, entre nós a A. B. En.. Nós religiosas precisamos estar atentas e prontas a nos sacrificarmos, para respondermos ao apêlo do Santo Padre Pio XII que nos diz numa de suas alocuções: "A Igreja não pode perder o campo da caridade exercida nos hospitais, da qual foi Ela a pioneira. Sem a vossa colaboração a Igreja teria sido, sem dúvida, obrigada a renunciar a numerosos progressos; numerosas posições, penosamente conquistadas, teriam talvez de ser abandonadas".

"Pela obra de vossas mãos maternais, caras filhas, a Igreja sustenta os velhos vacilantes; pelos batimentos de vossos corações, a Igreja reaquece as almas dos órfãos; pelo fervor de vosso devotamento, a Igreja assiste aos doentes".

Para correspondermos integralmente ao desejo da Igreja, devemos nos adaptar às últimas exigências das Escolas modernas. Estas necessitam não só de um corpo docente qualitativo e quantitativo, mas também de um Departamento de Enfermagem no Hospital-escola, que esteja à altura da função que deve exercer.

Por falta de tempo não me estendo sobre a organização das Escolas; chamarei apenas a vossa atenção sobre dois pontos:

1.º) — Que haja espírito de equipe entre o Corpo docente da escola e os membros do Departamento de Enfermagem do Hospital-escola.

2.º) — Requisitos para a admissão nas Escolas. Hoje exige-se uma cultura geral de nível secundário completo, para servir de base à formação profissional. Porém para exercer com eficiência a função que lhe será atribuída, será necessário que a enfermeira, após um período de experiência, faça um curso especializado no ramo em que irá se dedicar.

Mas a tudo isso é preciso acrescentar bom desenvolvimento dos dotes femininos, pois na enfermagem, mais do que em qualquer outra profissão, eles são muito preciosos.

O amor com que é executada a mais simples das técnicas, mantém na religiosa enfermeira a mais sublime união a Deus.

O progresso da ciência requerer talvez, maior generosidade daquelas que são chamadas hoje pela obediência a se dedicarem à enfermagem.

Mas que belos e consoladores são os frutos colhidos por aquelas noites passadas em grande parte sobre os livros, pelos esforços feitos em dominar a repugnância da natureza, quando vemos que por esses meios cumprimos na íntegra a vontade de Deus e da Igreja.

B) — ALGUMAS ATIVIDADES QUE NÃO DEVEM SOFRER ALTERAÇÃO, APESAR DAS MUDANÇAS DOS TEMPOS

Já foi dito que a Igreja é imutável, mas não imóvel e assim procura ela sempre se atualizar em relação ao progresso do mundo moderno. Disse mesmo Pio XII, no 1º Congresso Nacional de Superiores e Religiosas Enfermeiras da Itália, em 25 de abril de 1957: "A Igreja, imutável nos seus princípios e nas suas instituições essenciais, vive, cresce e se adapta aos tempos modernos e às novas circunstâncias para ser, em toda época, a alma do mundo".

Assim sendo, a religiosa enfermeira tem que se adaptar também aos progressos atuais, embora permanecendo imutável aos princípios que regem suas atividades. Vejamos alguns pontos que não sofrem alteração, apesar da mudança dos tempos:

— *O Espírito de Caridade* — para com Deus e para com o próximo. Para com Deus antes de tudo, pois a segunda parte do preceito do amor é um corolário necessário da primeira. Diz Pio XII, na citada alocução: "Sede, antes de tudo, verdadeiras religiosas. Deveis ser verdadeiramente espósas do Senhor; almas unidas indissolúvelmente, intimamente à Ele; almas sem mácula, separadas do mundo dos sentidos, do mundo do dinheiro, do mundo da vaidade". Do espírito religioso, intensamente vivido, é que deve derivar em vós a assídua assistência aos doentes".

Sim, a caridade para com o próximo tem que ser transbordamento da vida interior da religiosa e deve revelar-se, antes de mais nada, no cuidado pela salvação espiritual do enfermo. "Mas — vós me direis — como teremos tempo de cuidar da catequese do enfermo, se às vezes é tão rápido o contato que temos com ele?". Antes de mais nada, catequizaremos pelo exemplo de um cristianismo autêntico e intensamente vivido, pelo desprendimento e pela caridade,

que devem transparecer em todo o nosso ser e em nossas atitudes e palavras. Em segundo lugar pela oração, que brota de nosso coração e de nossa vida inteira. Depois, pelo conhecimento da catequese, que nos auxilia a conquistar o enfermo para Cristo e que nos faculta ministrá-lo, em poucos minutos muitas vezes, os conhecimentos indispensáveis à sua eterna salvação. Deveríamos sempre levar muito a sério, nossa responsabilidade neste campo do apostolado e não permitir nunca que um doente se afaste de nós sem ter recebido alguma coisa a mais para a sua vida cristã. São Vicente deixou para suas filhas normas especiais para tratarem os doentes dos diferentes credos. Na verdade, o doente em sua passagem pelo hospital, deve sempre ser preparado para bem viver, se tiver alta, ou para bem morrer, se fôr chegada a sua hora. Quantos se aproximam de Deus num leito de hospital! Alguns aí recebem o Batismo, outros fazem a 1ª. Comunhão, ou se casam perante a Igreja.

Devemos exercer a caridade espiritual e também a corporal. Como é belo ver uma religiosa que tem devoção ao pobre e ao doente! Ouçamos ainda Pio XII em sua alocução às Religiosas Enfermeiras: "Precisais... da ternura materna perante a infinidade de sofrimentos que vos pede conforto e auxílio... Para isto, parece-nos eminentemente necessário ver em cada doente Jesus", que disse: "Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais humides, a Mim o fizestes" (Mt 25, 39-40).

O segundo ponto que não pode sofrer alterações, é o *acolhimento dos pacientes*. A administração do hospital exige hoje em dia uma burocracia enorme logo na entrada do doente, mas não deve a religiosa se esquecer de que o acolhimento desempenha um papel muito importante principalmente sob o ponto de vista psicológico. O enfermo vem amedrontado e é muitas vezes recebido com certa frieza, tratado como uma "coisa". Ora, um semblante acolhedor e amigo, uma palavra de ânimo, uma atenção especial transforma imediatamente toda a ansiedade em confiança, não só do doente como dos entes que lhe são caros e que o acompanham.

No caso de se tratar de um doente grave, deve a religiosa se dedicar mais ainda, usando de seu prestígio para que a parte burocrática seja rápida, decidindo logo a cama que ocupará o doente, para que seja prontamente acomodado e iniciado com presteza o seu tratamento. Com isto ela facilitará o seu trabalho na parte espiritual.

Nos últimos dias de maio aconteceu, em uma das capitais do Brasil, um fato doloroso: a morte de um doente, na sala de exames de um hospital, para onde foi levado por um passante que o encontrou na rua atacado de um mal súbito. Pelos documentos encontrados no bolso foi identificado, a família avisada, mas permaneceu na maca da sala de curativos onde faleceu, pois só poderia ser colocado num quarto após pagamento de dez diárias. O pior é que na cidade os comentários sobre o ocorrido terminavam assim: "E há religiosas no hospital", sem mesmo se preocuparem em saber se alguma Irmã era encarregada das admissões.

Como vemos, a admissão é um dos pontos-chave do hospital e nela seria de toda conveniência que sempre houvesse uma religiosa.

Mais um 3.º ponto inalterável, apesar das vicissitudes dos tempos é a *abnegação no tratamento do paciente*. Ainda são de Pio XII estas palavras levando as religiosas a se animarem de viva fé e a verem Jesus no enfermo, não interrompendo jamais seus colóquios com Ele, quer na capela, quer nas enfermarias: "Então vos será fácil passar as noites sem dormir, junto dos doentes... então sabereis sorrir diante da indiferença e mesmo do insulto. Então, sabereis encontrar sempre energias novas e frescas, como se o doente de hoje fôsse o primeiro de que vos tivésseis aproximado. Sabereis ser minuciosas e exatas, como se ele fôsse o último doente a que devesseis prestar vossos cuidados, antes de serdes chamadas por Deus".

Sim, é bem verdade que a chama da abnegação só pode estar acesa no coração em que arde o amor divino, no coração que compreende que a maior prova de amor é dar a vida por seus irmãos, como Cristo fez por nós.

C) — RESPEITO PELA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

Atingimos, nesta altura, prezadas religiosas enfermeiras, um dos pontos principais da minha palestra, a idéia central que imprime sentido e grandeza à nossa profissão, o objetivo mais alto da nossa tarefa, o coração mesmo da prática da ciência e da arte da enfermagem: refiro-me ao respeito, — mais que isto, — ao culto da Religiosa enfermeira pela dignidade da pessoa humana.

Apesar dos inúmeros e multiformes aviltamentos do homem, de que nosso tempo é testemunha, apesar de a criatura de Deus, feita à sua imagem e semelhança, redimida pelo sangue de Cristo, ser hoje muitas vezes tratada como um ser irracional, quer no plano coletivo, pela sociedade, quer em particular, pelos indivíduos, forçoso é reconhecer que, no mundo livre, muito se tem feito por restituir ao homem os seus direitos e prerrogativas. Ninguém poderá negar que neste esforço pela reabilitação da dignidade da pessoa humana tem sido a Santa Igreja destemida pioneira. Permite que, seduzida pela importância deste tema, eu vos demonstre a solicitude atual da Igreja pela salvaguarda dos direitos da pessoa humana e que, ao fazê-lo, me valha mais uma vez da autoridade do Santo Padre Pio XII. Faço-o com um prazer tanto maior, quanto é grande a veneração da nossa classe pelo grande Pontífice que, dirigindo-se em várias oportunidades a médicos, enfermeiras e aos próprios doentes, se consagrou como um Mestre no campo da medicina e da enfermagem em todo o mundo.

Por que razão, revoluções tão profundas têm provocado uma evolução substancial nos métodos de ensino e de educação em nosso tempo, senão porque, hoje mais que outrora, se quer atender aos direitos do educando, sempre com miras a uma formação mais racional, mais completa e eficiente? Por que motivos a Igreja tem intervindo, às vezes de maneira ostensiva e enérgica, no campo da infância e da juventude, senão para proteger o direito fundamental da pessoa humana? Direito de conhecer a verdade, de desenvolver e orientar para Deus o gratuito talento da inteligência que d'Ele recebeu? Direito de receber de par com a cultura científica, a doutrina religiosa e a formação moral?

Recordai-vos dos apêlos vementes da Igreja em favor de um tratamento mais digno e humano dos prisioneiros de guerra, na última conflagração mun-

dial. Lemos nos magníficos discursos de Pio XII os protestos contra os excessos e desumanidades cometidos em nome de uma justiça mal compreendida, com flagrante injúria aos direitos pessoais dos presos e encarcerados. Os indiferentes e miseráveis, estes pobres membros sofredores do Corpo Místico de Cristo, são também merecedores do respeito dos indivíduos e da sociedade. Há mesmo neles, pela maior semelhança com Jesus Cristo, uma dignidade especial. Enquanto ideologias materialistas e sistemas políticos totalitários decidiram o seu extermínio, a Igreja, pioneira dos direitos da pessoa humana em nosso século, põe em destaque sua dignidade e o seu valor. Depois de lembrar a palavra de S. Paulo: "Os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; e os que temos por mais vis, cercamo-los de maior honra" (I Cor. 12, 22-23), escreve Pio XII, em sua Encíclica sobre o "Corpo Místico": "Gravíssima sentença! que Nós, cônscios da obrigação que nos incumbe por Nosso altíssimo ofício, devemos repetir, ao vermos, com profunda mágoa, que às vezes são privados da vida os deformes, os dementes afetos por doenças hereditárias, por inúteis e pesados à sociedade; e que alguns celebram isso como uma conquista do progresso, sumamente vantajosa ao bem comum. Ora, que homem sensato haverá que não veja como isto não só é uma violação flagrante da lei natural e divina, impressa em todos os corações, mas repugna atrocemente os sentimentos do homem civilizado?"

Entramos aqui, de cheio, no campo específico de nossas atividades, como Religiosas Enfermeiras, encarregadas, por desígnio da Divina Providência e pela força de nosso ideal, de cuidar dos membros sofredores do Corpo Místico de Cristo e de venerar e respeitar neles a grandeza de suas prerrogativas pessoais.

Como enfermeiras, temos a ventura de pertencer àquela classe de profissionais à qual o mundo e a Igreja têm testemunhado sua admiração e seu reconhecimento, justamente por verem em nós pessoas que, no trato dos doentes não cumprem um ofício à paga de soldo, como mercenários, mas se devotam com idealismo e com carinho a criaturas em que vemos irmãos a aliviar e filhos de Deus a salvar. Daí o aprêço da Igreja pela nossa atividade. Ouçamos Pio XII falando aos Enfermeiros de Roma: "O enfermeiro deve responder não somente por uma coisa material, mas por um homem vivo, mais ou menos gravemente ferido na sua vida mesma e, por conseguinte, dependente muitas vezes de maneira total, da ciência, da habilidade, da delicadeza e da paciência do próximo, isto é, do médico e do enfermeiro, e mesmo sob certo ponto de vista, ainda mais do enfermeiro do que do médico". A nós incumbe o gravíssimo dever de zelar pela defesa do valor e da inviolabilidade da pessoa humana, de um lado tão prestigiadas, mas de outro inteiramente desprotegidas em nossa época. Refiro-me a certas práticas usadas em obstetrícia (ponto em que a Igreja deu instruções particulares para as Religiosas Enfermeiras), ao aborto, à limitação da natalidade, à fecundação artificial, à esterilização, às experiências sobre o organismo vivo, ao uso da psicanálise em medicina, ao emprego da narcoanálise, à eutanásia e à iniciação sexual. Sobre todos estes pontos, nos quais, de frequente, médicos e enfermeiros inescrupulosos desrespeitam os sagrados direitos do homem e do

cristão, é preciso que a Religiosa enfermeira conheça a verdadeira doutrina da Igreja, que tenha a coragem de cumprí-la e de exigir que se cumpram. Alguns deles, sobretudo, por serem mais comuns, parecem exigir de nós maior atenção, como por exemplo a inviolabilidade da vida humana, tão atingida pelas práticas anti-concepcionais.

Urge sabermos fazer ver à humanidade que, como afirmou Pio XII em sua alocução sobre o apostolado das parteiras, "o filho, mesmo antes de nascer é "homem" no mesmo grau e pelo mesmo título que a mãe"; que ele "recebe o direito à vida imediatamente de Deus e não dos pais ou de qualquer sociedade ou autoridade humana" e que "portanto não há nenhum homem, nenhuma autoridade humana, nenhuma ciência, nenhuma "indicação" médica, eugênica, social, econômica, moral, que possa exhibir ou conferir um título jurídico válido para dispor direta e deliberadamente de uma vida humana "inocente", pois "acima de toda lei humana e acima de toda indicação" ergue-se, indefectível, a lei de Deus".

Urge mostrar que a Igreja exclui formalmente do casamento a fecundação artificial, pois a prole tem que ser a expressão do dom recíproco, que, segundo a palavra da Escritura, realiza a união "numa só carne".

Urge, neste século de hedionismo e pansexualismo, inculcar, como disse Pio XII, o respeito "da dignidade humana no uso da tendência a dar a vida", mostrando como o "uso da função geradora natural só é moralmente permitido no casamento, a serviço e segundo a ordem dos fins do próprio casamento".

Passemos para 2a. parte do nosso trabalho:

2) — INFLUÊNCIA DO PROGRESSO DA MEDICINA SOBRE A ENFERMAGEM

É incontestável, como já dissemos, o progresso vertiginoso da medicina em todos os campos, determinando concomitantemente uma mudança essencial na orientação da investigação médica e na preparação para seu estudo científico.

Nós, religiosas, que devemos, como é desejo da Santa Sé, conservar uma alma aberta às exigências do progresso moderno, precisamos compreender que este comporta exigências no campo da enfermagem, ao qual nos dedicamos:

a) — *Preparo especial* — Devríamos colocar sempre grande número de religiosas em nossas escolas de enfermagem, tanto de auxiliares como de alto padrão, para poderem competir com as enfermeiras leigas e ocupar postos de chefia dentro dos hospitais.

É o que recomenda o imortal Pio XII, na já muito citada alocução de 25 de abril de 1957: "Dai, Nossa vontade, que não parem no caminho empreendido, que tem como meta a preparação de uma falange de almas sempre mais numerosas e mais prontas para as tarefas que as esperam junto dos doentes... Por isso, nada deveis negligenciar daquilo que vos possa tornar mais capazes para dirigir as casas de saúde e, especialmente, socorrer os enfermos. Não bastaria para esse trabalho ser religiosa, nem mesmo religiosa perfeita. É necessário possuir, ainda, as indispensáveis noções técnicas dos novos métodos de trata-

mento, dos novos instrumentos que devem ser empregados, dos novos medicamentos que devem ser ministrados”.

b) — Uma segunda exigência é a *cooperação em tudo o que fôr possível*. Não exorbitando de suas funções e não cedendo no que não lhe fôr lícito, deve a enfermeira religiosa estar sempre disposta para a abnegação, mesmo que por vêzes lhe sejam pedidos serviços extraordinários e que exijam sacrifícios de sua parte.

c) — Terceira exigência é a *firmeza nos princípios de ética e técnica*.

Se alguns dos progressos da medicina são realmente em benefício da humanidade e estão de acôrdo com a moral natural e a moral cristã, outros, entretanto, delas se afastam visceralmente. É necessário, portanto, à enfermeira religiosa, uma firmeza muito grande, para se sobrepor a essas más influências. É de máxima urgência haver em tôdas as nossas Escolas uma Cadeira realmente eficiente, de Deontologia Médica, para assegurar às futuras enfermeiras, religiosas ou leigas, conhecimentos indispensáveis para o bom desempenho de sua vocação.

Além da energia que da enfermeira se requer em relação ao cumprimento dos princípios de deontologia, como no caso dos processos anti-concepcionais, do abôrto, da eutanásia, etc., há mais um ponto que dela exige escrupulosa observância: o sigilo profissional.

O segredo faz parte integrante das relações humanas e intervém na nossa vida de cada dia. O segredo profissional obriga estritamente àquelles que dele tomam conhecimento. Sua violação é grave e exige sempre a reparação do dano causado, a título de justiça.

A enfermeira interrogada sem razão sôbre um ponto que cai sôbre seu sigilo, deve recusar-se a responder ou fazer uma restrição mental.

A enfermeira deve ter igual firmeza quanto aos princípios de técnica. Embora por vêzes lhe pareça que vai dispendar mais tempo e mais esforços, a enfermeira deve sempre se ater rigorosamente aos princípios de técnica que aprendeu e à burocracia, da qual não se pode dispensar.

Chegamos à terceira e última parte de nossas considerações:

3) — INFLUÊNCIA DO PROGRESSO DA ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR SÔBRE A ENFERMAGEM

Já fizemos notar também o progresso, digo melhor a verdadeira revolução operada em nossos tempos na administração hospitalar. Isso também comporta exigências diferentes por parte das enfermeiras e que podemos reduzir a três:

a) — *Atualização de conhecimentos*

A enfermeira, como sabemos, tem contato diário muito íntimo com o doente e através de sua atuação pode funcionar como “agente catalizador”, preparando campo para as atividades dos outros departamentos do hospital. Se sua responsabilidade e autoridade são grandes e insubstituíveis, é urgente que ela

receba contínua atualização de conhecimentos, para estar à altura de exercê-las com segurança e eficiência.

Não lhe basta haver concluído um curso de enfermagem, mas é mister periodicamente atualizar seus conhecimentos sobre a matéria, por meio da leitura de livros e revistas nacionais e estrangeiras, em congressos e semanas de estudo, em cursos intensivos e estágios, etc.. As Superiores deveriam facilitar a suas súditas estes meios de atualização, para aprimorarem sempre mais sua formação técnica e profissional.

b) — *Participação ativa na vida do hospital*

A enfermeira é célula importante na vida hospitalar e deve, portanto, permanecer ligada ao todo, interessando-se por tudo o que se passa na grande comunidade à qual pertence.

c) — *Cooperação e compreensão.*

O equilíbrio entre os diversos departamentos de um hospital é condição muito importante para seu funcionamento harmonioso. Para haver este equilíbrio, entretanto, mister se faz que as enfermeiras cooperem de modo compreensivo em todo o mecanismo do hospital, que delas depende em larga escala.

Cooperação e compreensão são muito necessárias no entrosamento dos diversos serviços. Isto dependerá, em grande parte, dos chefes dos departamentos, que precisam ser pessoas capacitadas para exercer seus cargos pelo preparo técnico, pelos dotes pessoais de liderança, de dedicação e auxílio mútuo. Da boa direção que a chefe do departamento de enfermagem e as diversas supervisoras chefes de serviços imprimirem às enfermeiras suas subalternas, vão decorrer a harmonia e o espírito comunitário do hospital.

CONCLUSÃO

A evolução vertiginosa pela qual passa a enfermagem em nossos dias exige de nossa classe, como acabamos de ver, disposições que outrora não lhe eram requeridas. Cumpre que nós, enfermeiras religiosas, estejamos sempre na vanguarda, como pioneiras da atualização sadia, tão impulsionada pela Santa Igreja e que o façamos pela nossa vida religiosa integralmente vivida, pelo preparo técnico e profissional sempre mais esmerado, pelo espírito de cooperação e união.

Que a humilde Virgem de Nazaré, Saúde dos Enfermos e Celestial Enfermeira, nos seja sempre e em tudo Mestre esclarecida e segura, a fim de transformarmos nossa vida inteira em uma renovação consciênte e fervorosa da palavra mais potente que lábios humanos jamais pronunciaram, fazendo também de nós as servas de Deus e de Seus membros sofredores: "Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc. 1, 38).

PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO SOCIAL CRISTÃ (1)

Pe. T. Enriquez S.J.

Entre os sistemas contrários à nossa civilização cristã, não se registra nos fatos da história outro, tão satânicamente organizado nem de tão grandes dimensões, como o comunismo ateu, que atualmente nos envolve e abala.

Pretende êle destruir o mundo atual no referente ao religioso, ao político e econômico social, para construir outro inteiramente novo, em que ficariam abolidos para sempre os direitos de Deus e dos homens.

Atualmente domina um bilhão de homens, mais de um terço da humanidade, e como verme escondido, corrói a vida das nações livres. Aliás, a mística da doutrina marxista de triunfo total e conquista mundial, seduz a juventude comunista, e dinamiza os poderes de cúpula soviéticos, para mobilizar o exército maior que existiu na terra sob o aspecto propagandista, subversivo e de espionagem.

AMEAÇA COMUNISTA PRÓXIMA

Foi um gravíssimo erro subestimar a força da revolução comunista e não calcular suas dimensões. Agora, quando a cortina de ferro se estendeu até à América, com a queda da nação cubana, começamos a abrir os olhos e sair do nosso letargo; ainda que a reação consista, mais do que numa ação de envergadura, por sua técnica e por seu espírito, em simples manifestações de repúdio pela imprensa e pelo rádio.

O comunismo se aproximou de nós. Rússia tem uma cabeça de ponte na América, pois Cuba está convertida num satélite, e satélite dinâmico, do comunismo internacional, para toda a América Latina.

Persuadamo-nos de que estamos ameaçados de um sistema de totalitarismo ideológico e de terror, onde se força a acreditar numa nova concepção da vida, em que o trabalho e a produção são o único e supremo fim de nossa existência, exterminando a religião, a filosofia, as normas do direito, as constituições por que se governam os povos, e quantas superestruturas, dizem os marxistas,

1) Conferência pronunciada em Belo Horizonte, no início do curso sobre a Doutrina Social da Igreja (N.d.R.).

existem na sociedade atual.

PAPEL DOS EDUCADORES

Encontramo-nos numa encruzilhada em que, ou reagimos eficientemente contra êsse forte invasor, ou cairemos em suas garras. Tocou a última hora de defesa de nossa civilização.

Ora, nesta defesa, qual será o papel dos educadores? Uma breve análise sobre as causas do comunismo e sobre as deficiências do nosso sistema educacional no-lo farão compreender.

O comunismo é uma reação (exagerada, desnorteada) contra as injustiças sociais, contra a exploração do pobre pelo rico, do trabalho pelo capital. Marx foi o primeiro que desfraldou a bandeira da doutrina da revolução comunista, de caráter totalitário e ateu, com o "manifesto", em 1848. Lenine a realizou na Rússia em 1917. Seus sucessores a consolidaram, e Krustchev se apressa a implantá-la em todo o mundo.

Quais são os aliados mais fortes do comunismo? Nossas debilidades sociais: o individualismo, o capitalismo liberal, a exploração de dois terços da humanidade que sofre fome e miséria.

Ora estas debilidades sociais, tão fortemente criticadas pelo comunismo, constituem o diagnóstico de nossa sociedade e a receita do remédio a aplicar. O remédio será uma boa legislação social. Mas carecemos dela. Precisar-se-á um governo que a ponha em vigor, mas os governos não mudam. E' preciso aplicar o remédio permanente, eficaz em qualquer época: consciência social cristã que devemos ter todos os católicos pelo fato de seguirmos a doutrina de Cristo.

Temos nas nações cristãs um espírito ainda muito individualista, unilateral, sem sair das dimensões do próprio *eu*.

Se quisermos vigorizar nossa sociedade em perigo, deveremos criar uma consciência social que não tolere as injustiças ou que se arrependa, se as comete. Esta consciência social será a fonte salutar da nossa restauração com a qual mostraremos nosso cristianismo em realidades benêficamente comunitárias. Mas não precisamente no plano de beneficiência ou caridade samaritana, individual, ou de obras de caridade — plano em que os inimigos nem nos atacam nem nos impedem — senão no plano de verdadeira *ação social*, superior à beneficiência corporal individual, em extensão, profundidade e consistência. Uma ação social que tende a criar um mundo novo onde o rico não precisasse dar pão ao pobre, porque não haveria pobres que o pedissem; nem vestes aos despídos, porque todos teriam vestes que vestir; nem tratar do problema da favela ou do analfabetismo, porque todos teriam casa onde morar e escola que frequentar.

Consciência de justiça social vivificada pelo espírito de caridade fraterna, que considera a Deus como Pai e a todos os homens como irmãos. Consciência da grande família da humanidade, que é a família de Deus, onde não devia haver, como não se encontram nas famílias particulares, membros que vestem sêdas e membros que se cobrem de farrapos, membros que esbanjam dinheiro e membros que morrem de fome e de miséria.

A ESCOLA, CENTRO DE FORMAÇÃO SOCIAL

Onde se formará esta consciência senão na escola primária, no Ginásio, na Escola Normal, no Colégio, onde os jovens, sem ambições humanas, podem adquirir horror à injustiça e amor à beleza da caridade?

“Nosso ensino — dizia o Bispo Mgr. Richaud, nas Semanas Sociais da França (1934) — não terá cumprido toda a sua missão, nem adquirido ou reconquistado sua razão de ser, enquanto cada uma de suas escolas não seja verdadeiramente *um centro social*”. E o VI Congresso Interamericano de Educação (1956) — Chile — sobre a Formação Social, exorta os educadores a “... formar os alunos no amor a esta vocação (social) como a um ideal de vida, sem se limitar a uma simples informação doutrinária, mas orientando-os para as grandes realizações sociais destinadas ao preparo de um mundo melhor” (Guia de Formação Social, p. 92 — Paulo de Oliveira).

Inútil é querer educar velhos capitalistas e homens ambiciosos como se pretendeu até hoje. Esta tarefa é mais difícil que endireitar árvores tortas. Eis por que as cartas sociais dos Papas não se puseram em prática. Não criamos consciência social nos jovens educandos.

Temos impressão de que o comunismo nos roubou o misticismo comunitário dos cristãos da era primitiva. “Enquanto no mundo burguês — dizia Krustchev em 7/7/60 — a classe não instruída serve às pessoas ou grupos de classe dirigente, delas dependendo completamente, material e espiritualmente, cada pessoa, na sociedade socialista, seja qual for a posição que ocupe ou a modalidade de trabalho que realize, dedica seu esforço e seu saber em favor dos interesses de toda a sociedade e, conseqüentemente, de seu serviço pessoal, como membro dessa sociedade”.

Nestas idéias abunda a literatura comunista e é por esta mistificação que o comunismo atrai os intelectuais, consegue adeptos e ilude os necessitados.

LACUNAS DE NOSSO ENSINO

Ninguém duvida que fizemos progressos no ensino católico a respeito da Liturgia; que trabalhamos intensamente no campo da pureza, com literatura de formação e com Cine-Clubes etc.. Mas na formação social de nossos educandos penso que não tivemos progressos ou, pelo menos, não o mostram nossos antigos alunos em sua vida profissional. Muitos deles ocupam hoje altos postos na sociedade: no Senado, nas Câmaras, nas Prefeituras das grandes cidades ou de pequenos municípios, são gerentes de bancos, advogados, engenheiros etc.. Que virtudes sociais podemos admirar nêles? Não se recolhem frutos de árvores que nunca se plantaram.

As palavras de Pio XII: “O ensino social cristão é uma parte integrante da formação de todo o católico” — foram palavras que o vento levou.

Vimos que hoje tudo gira em torno do problema social: os partidos políticos levantam a bandeira do social; os sindicatos, expostos a sérios desvios por manobras comunistas, constituem a engrenagem da sociedade moderna. A vida inteira parece comunizar-nos dia a dia, com os meios de comunicação

modernos: televisão, rádio, imprensa, cinema, que universalizam as notícias, criando um mundo mais comunitário.

Contudo, o estado atual da sociedade mais comunitário não é verdadeira defesa. Tudo pode ser utilizado para comunizar o mundo no sentido marxista. A segurança perfeita pode esperar-se da consciência cristã no plano social. É preciso reconhecer, com a sinceridade de uma auto-crítica serena, que esquecemos algo de essencial ao ensino católico.

O ENSINO SOCIAL DIMANA DA ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO

É a missão dos educadores católicos formar socialmente os alunos. Esta missão não provém precisamente da ameaça comunista. O comunismo será, como diz o Pe. Dufay, ocasião imperiosa de retomada de consciência... das exigências de nossa fé. O cristianismo tira as suas conseqüências para a vida de sua própria essência e não de um fator externo, circunstancial, como é o comunismo.

O catolicismo é inteiramente social: fraternidade humana e filiação divina para todos os homens com identidade de destino; igualmente de meios espirituais para conseguir esse mesmo destino; o *Corpo Místico*; o valor social da Eucaristia, onde todos se aproximam da mesma mesa, sem distinção de classes; o sentido universal da redenção, sem exclusão de ninguém. Tudo respira ambiente comunitário no plano sobrenatural, criando um mundo interior, reflexo da comunidade mais perfeita que existe no Universo: a comunidade do paraíso, onde todos com desigualdade acidentais e igualdade essencial, participam em comum da visão da essência divina.

Cristo quer que este ambiente social no plano da graça, o seja também no plano da natureza, a respeito dos bens naturais.

A ausência do social a considera como pecado gravíssimo, estigmatizando os egoístas como réus do inferno. É exigência do cristianismo ter senso de responsabilidade ante as misérias, mesmo que não foram causadas por nós. Se, podendo, não quisermos remediar, lembremo-nos daquelas palavras: "Ide malditos para o fogo eterno, porque estava faminto e não me destes de comer; estava despido e não me vestistes".

Se o comunismo exige que se trabalhe pelo bem comum, a doutrina de Cristo não é menos exigente.

A FORMAÇÃO SOCIAL É EXIGIDA PELA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Se a missão dos educadores é dar formação social cristã, os jovens atuais nas circunstâncias em que se encontram a reclamam com brados de alarme. Vemos jovens de ambos os sexos que, preparando-se nas Universidades para galgar os altos postos da sociedade, por não terem sido instruídos nesta matéria, se entregam a grupos espúrios de doutrinas exóticas, ou lutam num estado de pessimismo, sem encontrar em nossa ideologia cristã uma resposta convincente, contra o marxismo e o socialismo que alastra nos altos centros de ensino.

Sabemos que está declarada uma guerra sistemática, alimentada com recursos pecuniários fantásticos e dirigida com técnica de planejamentos diabólicos, para conquistar a juventude: fanatismo de professores ateus e marxistas, que pretendem solucionar os problemas sociais mais com críticas contra a Igreja a que desprestigiam do que com verdadeiras soluções econômico-sociais. Imprensa especializada para a juventude, enviada diretamente dos países comunistas ou que entra através de suas embaixadas, inunda os diretórios dos estudantes. Aliás, os progressos técnicos da Rússia, com seus vôos espaciais, fascinam a juventude, com novos mundos que habitar e novas doutrinas em que acreditar. As estatísticas da China Vermelha, ainda que estejam longe de ser verdadeiras, sugerem novas estruturas de economia mais rápidas e eficientes do que as atuais.

Tudo isto cria um clima de guerra civil e ideológica, guerra civil que se intensificará mais cada dia, já pela imprensa (propaganda da doutrina de Marx), já por jovens treinados nas escolas de capacitação comunista, já principalmente, na famosa Universidade dos Povos, fundada por Krushev, quartel internacional de futuros comunistas intelectuais revolucionários em tôdas as nações do mundo.

AS CIRCUNSTÂNCIAS DA JUVENTUDE FOCALIZAM A ATITUDE DOS EDUCADORES

Se educar consiste em preparar o jovem para a vida, a preparação que devem receber nossos alunos nos educandários católicos está bem focalizada pelas circunstâncias em que se encontram. É absolutamente necessário que os jovens conheçam algo das doutrinas condenadas do liberalismo e do capitalismo liberal, que vão em decadência; e ainda mais as socialistas e marxistas que, não obstante estarem mais vigorosamente condenadas, caminham vitoriosas; mas, sobretudo, a doutrina mais humana e coerente com a natureza humana, a única doutrina libertadora, a doutrina social da Igreja.

Os numerosos assistentes a este curso são uma prova irrefutável da compreensão dos novos rumos da educação. Penso que não chegamos tarde demais, devemos correr. Encontraremos dificuldades: nossos alunos muito comodistas, e os pais deles muito apegados à riqueza para compreenderem logo o reto uso delas. Mas neste desafio ideológico do materialismo marxista e do espiritualismo cristão sairemos triunfantes se, posta a confiança em Deus, lutarmos com vigor, constância e disciplina no campo educacional.

O Divino Mestre, que nos reuniu para aprendermos sua doutrina social, infundirá em nós o espírito de serviço e dedicação comunitário que Ele mesmo manifestou quando disse: "Eu vim não para ser servido mas para servir".

A Santíssima Virgem, a mulher mais solícita das Bodas de Caná, pela falta de vinho nas mesas dos convidados, nos inspirará este espírito de solícitude de modo que não fiquemos tranquilos enquanto não virmos nas mesas dos pobres a comida e a bebida de que precisam.

DIRETRIZES DE PEQUIM PARA DESTRUIÇÃO DA IGREJA

Como complemento do artigo acima, publicamos a seguir as diretrizes fornecidas por Pequim aos comunistas cubanos, visando à destruição total da Igreja Católica, excerto este de "Informations Catholiques Internationales" do 1.º de junho de 1961, sob o título: "Trois Documents", dos quais publicamos só o primeiro. — A Redação

Há várias semanas, a imprensa internacional se ocupa das diretrizes transmitidas pela República Popular da China ao governo cubano, com tendência a guiá-lo na luta contra a Igreja Católica. Essas informações se referem a um documento do qual nos chegou completa fotocópia. Trata-se de um opúsculo de sete páginas, editado em 1959, pela imprensa das línguas estrangeiras de Pequim, a serviço exclusivo da secção latino-americana do Departamento de Ligação do Partido comunista chinês, sob o título: "A Igreja Católica e Cuba — Programa de Ação". Esse opúsculo foi assinado por: Li Wei Ham.

Damos abaixo uma tradução completa do texto, nos termos que mais aproximam dos termos espanhóis. Os títulos intermediários foram redigidos por nós.

O jornal "El Campesino", de Bogotá, diz ter nas mãos o original desse documento. Não é o nosso caso. Publicamo-lo, pois, com as reservas usuais, considerando que, de qualquer modo, ele expõe muito bem a política religiosa, se não do governo cubano, pelo menos a do governo chinês, desde 1950.

DIRETRIZES DE PEQUIM

A Igreja Católica, com sede em Roma, é uma organização que é fonte de atividades contra-revolucionárias, nas democracias populares. Para que estas possam continuar a progredir no caminho para o socialismo e o comunismo, é necessário, antes de mais nada, acabar com a influência dessa Igreja Católica e suas atividades. A Igreja Católica não é nem estéril, nem impotente. Devemos, pelo contrário, reconhecer o seu poder e tomar uma série de medidas para lhe suscitar dificuldades. Quando a luta política e as forças produtivas atingirem alto nível de produção, então é que poderemos destruí-la. Atacá-la de frente, enquanto estivermos mal equipados e não tivermos educado as massas, como devemos, seria conferir à Igreja maior influência nas massas, pois estas se sentiriam do lado da Igreja e apoiariam clandestinamente as atividades contra-revolucionárias que ela fomenta. É preciso, igualmente, evitar que se transformem em mártires os dirigentes das atividades contra-revolucionárias da Igreja. A norma de ação que devemos seguir contra a Igreja é de instruir, educar, persuadir, convencer e, pouco a pouco, despertar e desenvolver a consciência política dos católicos, fazendo que participem de círculos de estudos e de atividades políticas. Por meio dessas atividades, devemos empreender a luta dialética, no seio da religião. Progressivamente, substituiremos o elemento religioso pelo marxista.

Gradualmente, transformaremos a consciência falsa em consciência verdadeira, de modo que, finalmente, os católicos destruam, por vontade própria, as imagens divinas que eles mesmos criaram. Eis nossa norma de ação, na luta pela vitória contra a Igreja Católica, reacionária.

Em seguida, apresentamos um programa das táticas que foram empregadas, com bom êxito, na República Popular Chinesa, para libertar o povo chinês da influência da Igreja Católica imperialista, de Roma.

É necessário trazer a Igreja e seus fiéis ao seio do governo popular, pelo qual as massas influirão sobre eles. Não podemos permitir que a Igreja conserve sua característica de supra nacionalidade, que a coloca acima da vontade das massas.

É preciso estabelecer uma repartição pública do governo popular, encarregada das práticas e organizações religiosas. Submeter a Igreja aos processos do centralismo democrático prepara para a tomada, com a utilização das massas, de medidas patrióticas que enfraquecem a Igreja e lhe degradam a imagem. Essa repartição organizará associações nacionais, regionais e locais, que agruparão os católicos nos organismos patrióticos. É preciso que cada associação declare sua fidelidade e sua observância das leis da nação.

Quando tiverem sido estabelecidas as associações patrióticas, e os católicos tiverem professado sua fidelidade às leis da nação, então é que surgirão os reacionários e os contra-revolucionários. Esses contra-revolucionários, saídos das fileiras da Igreja Católica, devem ser os primeiros a serem extirpados, com firmeza, mas sem que se empregue a violência. Em todo caso, as medidas tomadas devem ser conformes à lei. De sua natureza, as aspirações contra-revolucionárias levam aos atos contra o governo. Este princípio nos indica as leis que devemos aplicar contra os que protestam, leis que os colocam na categoria de criminosos antipatriotas, que protestam conforme às instruções de caráter imperialista, que lhes são enviadas da sede da Igreja Católica, na Cidade do Vaticano.

Durante este período, as massas passarão por um conflito psicológico, pois sentirão, de um lado, a fidelidade para com a Igreja e o Clero, e de outro lado, um patriotismo que as impele a apoiar o governo popular. Convém sondar esse conflito e estudá-lo com lentidão. Se agirmos precipitadamente, sem tomar em consideração a acuidade desse conflito psicológico, arriscamos que as massas se afastem do partido. Se os laços entre as massas e a Igreja fôrem estritos, devemos aplicar a tática que consiste em dar dois passos para a frente e um para trás. Dando o passo para trás, o governo popular deve afirmar que defende a liberdade religiosa e que é pela vontade das massas que estabelece comissões de reforma, nas associações, para que as massas patrióticas possam exprimir-se mais diretamente, na direção dos negócios da Igreja.

Isto com vigilância. Os ativistas do partido devem dirigir o trabalho das comissões de reforma. Devem afastar os reacionários que se acham nas massas. Para esse trabalho, é preciso observar as senhas seguintes: é patriótico aderir ao governo e ser fiel às leis; a desobediência é antipatriótica; as associações professaram o seu patriotismo; os elementos antipatrióticos devem ser afastados.

das associações e julgados como criminosos, perante as massas patrióticas; é dever de qualquer cidadão castigar o criminoso. Os ativistas devem dirigir as massas contra os elementos criminosos. Quando as massas tiverem condenado os criminosos e os tiverem afastado das associações, os criminosos devem ser castigados, conforme às disposições das leis do governo popular. As associações devem, ao mesmo tempo, professar de novo a sua fidelidade às leis, e ajudar a descobrir as atividades contra-revolucionárias existentes em seu seio.

INSISTIR NO PATRIOTISMO

Embora os contra-revolucionários tenham sido descobertos, o conflito psicológico continua nas massas. Importa que as autoridades eclesiásticas e os dirigentes da Igreja assegurem às massas que a religião se tornou mais pura e que a libertaram dos elementos criminosos e antipatrióticos. Os ativistas, que são membros das associações, têm o importante dever de persuadir aos dirigentes da Igreja que façam essas declarações. Os ativistas devem, igualmente, assegurar às massas que o governo e o partido são fiéis à vontade das massas. Imediatamente, então, durante esse período, surgirão dissensões. Se agirmos de modo arbitrário, perderemos o impulso do movimento das massas. O governo popular deve animar a discussão a fundo, de todas as dissensões. Durante essas discussões, é preciso vigiar e descobrir os contra-revolucionários que passaram despercebidos até então. Durante este período, como no precedente, é necessário observar novas senhas; é patriótico ser fiel às leis; desobediência é anti-patriótica e criminosa...

E' preciso também procurar informar as massas dos resultados das conversas entre o Estado e a Igreja. O mesmo, da renovação patriótica das massas religiosas, que substitui os sentimentos decadentes, imperialistas e anti-patrióticos. Com exceção dos casos espirituais, qualquer indicio ou expressão de laços com a Cidade do Vaticano deve ser desacreditado como um fato de interesses imperialistas e como apoio das atividades contra-revolucionárias. A experiência de nossos países irmãos mostra que a Igreja Católica sempre ajudou as atividades contra-revolucionárias. Dada a extensão mundial da Igreja Católica, essas experiências constituem provas inegáveis de sua tendência conspiradora. Durante este período podemos esperar que da Cidade do Vaticano se ouçam protestos contra nossa campanha. Estes protestos devem ser utilizados como novas provas do aspecto conspirador da Igreja, dirigida pela Cidade do Vaticano.

PARA ESTABELEECER A IGREJA INDEPENDENTE

Isto nos leva ao seguinte ponto de ataque: a ligação da Igreja à Cidade do Vaticano. É preciso prever que, durante este ataque, o clero reagira violentamente pois lá se acha o seu ponto de apoio e a fonte de seu poder. Devemos lembrar-nos de que seus protestos, por causa do ataque à sua fidelidade ao Vaticano, são anti-patrióticos e se acham em oposição às leis do governo. E também, é anti-patriótico o que representa o clero. Os ativistas têm obrigação

de convencer as massas de que o indivíduo pode ter sua religião sem que a Cidade do Vaticano dirija os negócios das Igrejas no mundo inteiro. Os ativistas devem igualmente, explicar o princípio da coexistência do patriotismo com a religião... Assim, devem ficar afastados das massas os que seguem as ordens do Vaticano. Dêsse modo, abre-se o caminho para o estabelecimento de uma igreja independente. As personalidades do clero que não pudermos persuadir de serem fiéis às ordens do governo popular são denunciadas perante as massas. Aproveitaremos seus protestos, para destruir-lhes o império sobre as massas. A melhor tática é agir com simplicidade, e sem que se identifique o autor. Os ativistas devem encontrar-se na origem das denúncias feitas contra as massas. Na história, muitas são as provas que podem ser empregadas na ação legal, contra os que protestam pelo fato da separação da Igreja e do Vaticano. É necessário, durante esta fase, ter à disposição os argumentos necessários para convencer os intelectuais de que, separar-se do Vaticano é dar um passo à frente e não parar.

Os ativistas têm, ao mesmo tempo, o dever de levar as associações a um movimento unificado em vista de solicitar do governo popular a autorização para estabelecer uma Igreja independente, para livrar as associações de qualquer tarefa anti-patriótica, provocada pelos poucos elementos que continuam a ter laços com o Vaticano.

O governo popular dará a autorização e a Igreja independente será organizada. É preciso ter sempre presente no espírito que a ruptura da Igreja católica com o Vaticano só tem importância para os teólogos. As massas têm pouca afinidade e poucos traços diretos com o Vaticano, em suas práticas religiosas.

Ei-nos chegados à última etapa. Após a separação da Igreja e do Vaticano, poderemos sagrar nossos próprios dirigentes da Igreja. Isto provocará o mais vigoroso protesto do Vaticano e a excomunhão maior. Devemos ter presente ao espírito que a luta efetua-se fora das fronteiras e não entre os associados. As associações funcionam e persuadem às massas a prática da religião no seio da nova Igreja. Agindo com tato e sutileza, destruir a liturgia e, assim as massas notam pouca diferença na nova Igreja. Os protestos do Vaticano contra as sagrações afetam a hierarquia da Igreja e o governo assume a responsabilidade de rejeitar as acusações do Vaticano. Pouco a pouco, é afastada a retaguarda dos agentes do Vaticano. Uma vez que estas forças foram afastadas, a ação contra eles se torna cada vez mais legal, pois se acharão seriamente obrigados a protestar e a se converterem em mártires e, por conseguinte, se comprometem em ações anti-patrióticas.

EM MARCHA PARA A SUPRESSÃO DA RELIGIÃO

Embora tenhamos triunfado na luta contra a Igreja católica é preciso empregar a persuasão com a retaguarda do clero. As massas verão, nesta atitude, que o governo popular se preocupa sinceramente da liberdade de religião para todas as pessoas. Ao mesmo tempo, coloca os que protestam na categoria dos que agem contra os sentimentos do povo e de seu governo. Quando chegar o momento em que os postos de responsabilidade no clero forem ocupados pelos nossos,

se submetidos ao govêrno popular, proceder-se-á ao desenraizamento progressivo dos elementos da liturgia, que são incompatíveis com o govêrno popular. As primeiras mudanças se efetuarão nos sacramentos e nas orações. Em seguida, as missas serão protegidas contra o constrangimento e a pressão que se exercem sobre elas, para que vão à Igreja, pratiquem a religião ou organizem grupos coletivos que representam uma seita religiosa qualquer. Quando a prática da religião se converter em responsabilidade individual, é sabido que, lentamente, a religião é esquecida. As novas gerações substituirão as gerações passadas e religião virá a ser um episódio do passado, digno de ser tratado nas histórias a respeito do movimento comunista mundial.

19.^a SEMANA DE ESTUDO DE CANTO GREGORIANO

de 21 à 31 de Janeiro de 1962

2.^a SEMANA DO MÉTODO WARD (só 2.^o ano)

de 7 à 21 de Janeiro de 1962

DIRIGIDAS PELO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

LOCAL: SÃO PAULO, Colégio Assunção, Alameda Lorena, 665

ABERTURA DOS TRABALHOS:

Método Ward, dia 7, às 15 horas;
Canto Gregoriano, dia 21, às 14 horas

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Instituto Pio X do Rio de Janeiro,
Rua Real Grandeza, 108 — Tel. 26-1822
Rio de Janeiro — GB

ASPECTOS SÓCIO-RELIGIOSOS E SOCIOGRÁFICOS DO BRASIL

Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.

(Continuação do número anterior).

CAPÍTULO VI — FÔRÇAS CONTRÁRIAS (1)

O Catolicismo brasileiro está ameaçado, não só interiormente em consequência da insuficiência da pastoreação que provém da falta de sacerdotes e da ignorância religiosa, mas também fôrças de natureza moral e religiosa o atacam e lhe fazem oposição exteriormente.

1) O *meio moral* está longe de ser favorável. A organização dos divertimentos se encontra na maior parte dos casos em mãos de pessoas que não têm fé alguma, nem consciência ou estabelecem uma distinção nítida entre sua convicção religiosa e moral e seus negócios.

O cinema, que tomou grande desenvolvimento, representa um perigo muito grande para a juventude e mesmo para os adultos, pois a censura é insuficiente. As peças dos estúdios radiofônicos e principalmente os programas humorísticos do rádio são muito sensuais, freqüentemente imorais, quase sempre vulgares e de mau gosto. O catolicismo não está representado na imprensa diária; cidades como o Rio e S. Paulo não dispõem de um jornal católico. Os jornais populares locais e, mais ainda, os hebdomadários ilustrados — dos quais a maioria é de natureza pornográfica — exploram com regularidade e sem pudor as paixões da população por meio de reportagens, de escândalos sexuais e de crimes. O nível moral do teatro e sobretudo das revistas é extremamente baixo. Além disso, os jogos de azar e o alcoolismo representam moléstias populares de dimensões nacionais. Todos estes elementos aos quais se acrescenta a prostituição, muito espalhada, constituem um meio moral extremamente prejudicial à Igreja.

2) As *fôrças contrárias* merecem um exame mais pormenorizado: as quatro principais são, sem dúvida, a maçonaria, o protestantismo, o comunismo, e o espiritismo. Esta classificação dá, ao mesmo tempo, a ordem de importância do perigo que estas fôrças representam para o catolicismo.

1) Em vista de numerosas observações feitas de várias partes, a respeito dos dados publicados no presente estudo, pedimos aos leitores reler quanto foi publicado no início do artigo (Rev. da CRB, maio, p. 279, nota). O estudo é de 1956, tendo sido publicado em 1957 na revista internacional "Social Compass"; a presente é uma simples tradução que, por falta do tempo necessário, não foi refundida e atualizada pelo autor. Não se estranhem portanto as afirmações que agora seguem, pois se referem a 1956 e não à presente data, quando a situação evoluiu muito e muitas posições mudaram de aspecto (N.d.R.).

A) MAÇONARIA

Durante mais de um século, a maçonaria exerceu influência no Governo brasileiro (cfr. Introdução) constituindo, então, o principal obstáculo ao desenvolvimento normal da vida da Igreja. Enquanto que ela dominava a vida pública até o fim do século XIX, atualmente não se constata quase nenhuma ação organizada em âmbito nacional. Muitos concluíram que o perigo que representava a maçonaria para a Igreja no Brasil está definitivamente afastado. Considerando, entretanto, que sua influência aparece sempre na escala local e parcialmente também regional — e em particular em certas regiões do interior — outros mostram-se menos otimistas e temem ainda mais sua atividade, camuflada — certo, mas mesmo assim real. Atualmente, da parte dos católicos, está em vias de realização um estudo de sua influência. Ainda que este estudo não esteja inteiramente terminado, já se podem deduzir quase com certeza as informações que se seguem.

O número de lojas seria cerca de 500, das quais 115 no Estado de S. Paulo. Parece-nos que a maçonaria quase não tem mais influência nos políticos mais elevados no meio dos quais contava outrora com numerosos adeptos. Ajuizando segundo a lista dos membros mais eminentes publicada a este respeito, ela não contaria senão dois representantes na Câmara e no Senado. Um destes além disso, deixou depois a maçonaria e é atualmente um católico praticante. A falta de qualquer atividade em âmbito nacional deve sobretudo ser atribuída, como parece, a uma divergência fundamental interna que se produziu há uns 10 anos, tendo por consequência várias cisões no meio dirigente. Este processo tomou atualmente tal amplitude que a volta à unidade não é mais provável. Por ora, parece-nos que os maçônicos dissipam suas energias em veementes lutas internas.

B) O PROTESTANTISMO

O protestantismo penetrou gradativamente no Brasil. Depois de várias tentativas de estabelecimento sem sucesso nos séculos XVI e XVII por meio de invasões, respectivamente de calvinistas franceses e holandeses, os portos do Brasil se abriram pela primeira vez ao protestantismo pelo tratado anglo-português de 1810 no qual a Inglaterra introduzira entre outras a cláusula da liberdade de culto para os protestantes igualmente nas colônias portuguesas. A proibição de toda propaganda, expressamente estipuada neste tratado, foi praticamente negligenciada desde 1859, quando igrejas norte-americanas (de presbiterianos, batistas e episcopalianos) se estabeleceram no Brasil, e retirada oficialmente em 1889 por ocasião da proclamação da República. Desde 1930 somente, entretanto, foi possível ao protestantismo fazer notáveis progressos. O ritmo rapidamente se acelerou quando numerosos missionários norte-americanos especializados começaram a afluir para o Brasil porque a China, seu clássico campo de trabalho, lhes fechava as portas.

O desenvolvimento do protestantismo pode se ilustrar como se vê no quadro 37.

QUADRO 37

Ano	População	Católicos		Protestantes	
		Total	Porcentagem	Total	Porcentagem
1872	9.930.478	9.902.712	99,72	—	—
1890	14.333.915	14.179.615	98,83	143.793	1,00
1940	41.236.315	39.177.880	95,01	1.074.857	2,61
1950	51.944.397	48.558.854	93,49	1.741.430	3,35

QUADRO 38

Comunidades protestantes tendo mais de 100.000 membros no Brasil

Denominações	Paróquias	Membros	Pastores	Escolas dominicais	Alunos	Catequistas
Federação sinodal luterana	780	520.000	460	554	52.228	4.560
Comunidade Batista Brasileira	893	200.000	837	1.693	84.433	6.692
Assembléia de Deus	1350	200.000	352	1.400	150.000	2.030
Igreja presbiteriana	415	160.000	429	951	68.689	6.424
Igreja Metodista	300	100.000	200	469	35.214	4.146
Congregação Cristã do Brasil	480	100.000	469	—	—	—
Adventistas do 7.º dia	551	100.000	678	1.217	50.000	3.443

As Igrejas protestantes mais difundidas (com mais de 100.000 membros) figuram no quadro 38. O Brasil conta no total com 55 Igrejas protestantes. As que mais se desenvolvem atualmente são "Assembléia de Deus" e "Igreja Batista". Este progresso não se explica pela imigração dos protestantes que não representaria senão 0,3% do conjunto dos imigrantes de 1821 a 1947 mas principalmente deve ser atribuído à apostasia dos católicos. O Brasil é atualmente, entre os países latino-americanos, aquele onde o protestantismo ganha mais terreno. De 1940 a 1950, o progresso atingiu mesmo 62,16%. Os fatores mais determinantes são, de um lado a falta de padres entre os católicos e, de outro, o grande número de pastores protestantes. Enquanto que em 1953 os 51.948.000 católicos (seja 93% da população) tinham a sua disposição 8.712 padres (o que significa um padre para 5.393 católicos), os 2 milhões de protestantes (3,4% da população) tinham em 1954 nada menos que 4.600 pastores à sua disposição (1 pastor para 434 protestantes). Em segundo lugar, é preciso sublinhar que em certos domínios, os protestantes são mais ativos que os católicos. Primeiramente mencionemos a difusão da Bíblia que pode ser qualificada de impressionante. De 1942 a 1951, os protestantes distribuíram no Brasil 623.480 exemplares da Bíblia completa, 751.629 exemplares do Novo Testamento e 9.843.480 resumos. Além disso, a instituição da Escola Dominical protestante (com 25 periódicos especializados) constitui um dos meios mais fortes de propaganda... Existem 8.065 Escolas deste gênero que contam 554.453 alunos inscritos e 36.335 monitores. Além disso organizaram "rádio-escolas" para que a instrução religiosa penetre nas famílias pelo rádio. No ensino profano os

protestantes estão igualmente presentes:

486	escolas primárias com	17.064	alunos
88	" secundárias com	36.887	
5	" enfermagem com	400	
7	" superiores com	2.500	
	Total	56.851	

A Universidade protestante "Mackenzie", em S. Paulo, dispõe de uma faculdade técnica, de arquitetura, de economia, de direito e filosofia, de ciências e letras. Em média, 70% dos alunos destes estabelecimentos escolares são católicos, o que se explica pelo fato de que o Estado não pode abrir escolas públicas em número suficiente (cfrs. VII. 2). Além deste sistema escolar, um outro meio de propaganda funcionando bastante é a imprensa protestante. Esta última tem no seu ativo 121 periódicos, dos quais 8 hebdomadários, 4 bimensais e 28 mensais, e mais 71 periódicos dos quais 5 bimensais, 25 mensais e 25 trimestrais.

Para os trabalhos de impressão e difusão dispõe de 25 casas editoras e 35 livrarias. Duas fontes financeiras importantes principalmente alimentam tôdas estas atividades: primeiro o apoio substancial cedido pelas Igrejas irmãs dos Estados Unidos com as quais mantém além disso relações muito frutuosas. Depois os dízimos eclesiásticos ou, pelo menos, as contribuições destinadas ao culto, dadas mensalmente pelos membros.

As instituições de assistência social estão pouco desenvolvidas e não são, portanto, um grande meio de propaganda... Entretanto, os protestantes recorrem igualmente com mais freqüência às visitas a domicílio feitas por leigos. Inversamente ao protestantismo de origem européia que faz pouco proselitismo, o protestantismo de procedência norte-americana, pela sua expansão rápida, traz verdadeiros problemas para a Igreja do Brasil. Ainda que no sentido absoluto do termo o número dos protestantes seja muito baixo (quer dizer 3,35% em 1950), seu crescimento no período de 10 anos (1940-1950) elevando-se a 62,16% causa uma certa inquietação. Forte sob o aspecto financeiro, bem organizado, com um grande número de pastôres, o protestantismo, em muitas ocasiões, faz uma propaganda agressiva, inoportuna e desleal que dificulta seriamente o bom entendimento entre protestantes e católicos, tal como êste existe em países europeus com população mista, e que, na zona rural sobretudo, cria tensões, dando até por vêzes lugar a conflitos.

Diante desta infiltração protestante crescente, uma ação foi empreendida por uma subsecção da "Organização nacional católica para defesa da Fé e da Moral" sob a direção de Dom Agnelo Rossi. Esta anti-ofensiva se limita entretanto sobretudo a um serviço de informação que ainda não tomou o caráter de um combate eficiente e nacional diante da invasão protestante. Se a população brasileira em geral não fôsse tão católica no seu coração e também tão fervorosa no culto de N. Senhora e nas cerimônias litúrgicas e sobretudo paralitúrgicas, ou se o protestantismo quisesse copiar êstes elementos da vida católica, a apostasia dos católicos tomaria proporções muito maiores.

C) O COMUNISMO

O partido comunista, sendo interdito no Brasil por lei e só podendo agir clandestinamente, escapa em grande parte a qualquer contróle e não possuímos dados estatísticos sobre ele. E não é de se duvidar que ele seja bastante ativo apesar de sua ilegalidade oficial. Por ocasião das eleições de 1954 no Rio de Janeiro, um comunista figurava entre os três candidatos mais votados para a Câmara dos Deputados. Os jornais comunistas estão à venda em quase todas as bancas das grandes cidades. Sobretudo durante o período do Ministro do Trabalho no último governo de Vargas (1950-1954) elementos comunistas conseguiram ocupar vários postos-chaves, o que foi uma das principais razões da intervenção do exército em agosto de 1954 que ocasionou o suicídio do Presidente. O comunismo exerce uma influência real nos sindicatos nacionais talvez menos pelo fato de vários comunistas ocuparem postos dirigentes, do que por elementos progressistas na direção, sem ser comunista, inconscientemente se deixarem influenciar por idéias esquerdistas, ignorando a doutrina social católica.

Parece-nos que o comunismo no Brasil segue uma política bem pensada e estável. Ele não pode adotar no momento uma atitude clara e diretamente anti-católica, pois o proletariado industrial ainda é bastante católico interiormente. Sua ação tem como principal objetivo o proletariado industrial e não visa ainda os camponeses, porque estes são quase analfabetos e, conseqüentemente, não tem o direito de votar... A ação anti-católica do comunismo é antes de tudo indireta e tenta por diversos meios utilizar as paixões da população. A imprensa comunista figura entre os jornais mais imorais que exploram os escândalos nos costumes, os crimes e especulam assim a tendência geral à sensação. O comunismo tenta enfim monopolizar as justas exigências sociais e aspirações nacionais. Ele se dirige em particular contra o investimento do capital "norte-americano" nas grandes empresas brasileiras, por exemplo na "Petrobrás" que explora as fontes de petróleo na região da Amazônia. Esta política levada com perseverança provoca perturbações nos espíritos, o que faz por conseqüência com que algumas pessoas progressistas do ponto de vista social ou partidárias de uma política que vise a independência da economia nacional sejam facilmente suspeitas de pertencermos ao comunismo ou pelo menos de serem simpatizantes com este movimento.

De um lado, o comunismo no Brasil tem o jogo fácil porque no terreno sócio-econômico dominado por tendências capitalistas (cfr. VII-I-) não há nenhum partido político rival que tente seriamente seguir um programa verdadeiramente social. A Igreja não oferece ainda o contrapêso suficiente das influências comunistas que cada vez mais se espalham, porque os católicos — aqui se compreende o clero também nos seus sermões — não ousaram ainda afirmar com bastante coragem a doutrina social da Igreja. Por outro lado, o comunismo é a única organização que, sistematicamente e em grande escala, trabalha na realização dos seus planos sob a orientação de líderes formados e agrupados segundo um programa de ação única e concordante.

Por outro lado, entretanto, a missão do comunismo não é fácil porque o

povo brasileiro, da alta ou baixa escala social, é extremamente ávido de liberdade, sentimento que freqüentemente se manifesta em grande indisciplina e, conseqüentemente, não aceitará com facilidade a disciplina rigorosa do comunismo. Além disso, a ausência de radicalismo provoca muito menos no povo brasileiro uma mentalidade tipicamente revolucionária do que na maioria dos países europeus. Enfim o proletariado está ainda muito pouco desenvolvido para poder conscientemente se fazer o porta-voz do comunismo. É por isto que, até o presente, o comunismo no Brasil não recrutou tanto adeptos convictos e militantes nos meios populares quanto na classe dos estudantes bem como nas profissões liberais (professores, advogados, médicos sobretudo). Este fenômeno é atualmente um dos mais inquietantes. Entretanto, a principal razão que nos leva a ver já no comunismo uma séria ameaça tanto para o governo como para o povo brasileiro é que até agora nenhum movimento bem organizado se levantou para lhe fazer oposição.

D) O ESPIRITISMO

Mais que a maçonaria, o protestantismo ou o comunismo, o espiritismo constitui uma grave ameaça para a Igreja no Brasil.

O Cardeal D. Carlos Carmelo de V. Mota Arcebispo de S. Paulo, exprimiu com clareza sua opinião sobre este assunto durante uma audiência papal em 1950. Quando o Papa lhe perguntou qual seria o maior perigo para a Igreja no Brasil, S. Em. declara: "Santo Padre, o primeiro perigo é o espiritismo, o segundo o espiritismo, o terceiro ainda uma vez é o espiritismo, o quinto e o sexto perigos são sempre o espiritismo. Em décimo ou 15.º lugar vêm eventualmente o protestantismo ou o comunismo". Para dados pormenorizados sobre o perigo espírita, remetemos às obras do Revmo. Pe. Frei Dr. Boaventura Kloppenburg O.F.M., secretário da secção "Campanha anti-espírita" do Secretariado Nacional para a defesa da Fé e Moral, indiscutivelmente o maior conhecedor do Espiritismo brasileiro.

(Continuará no próximo número)

A ORGANIZAÇÃO GONZAGA

Pe. A. Germano S.J.

Publicamos, no número 68 (fev. de 1961, p. 115-118) desta Revista correspondência de um Recrutador do Norte, apresentando-nos pela primeira vez a experiência vocacional posta em prática pelos Padres Jesuítas. Agora temos o prazer de apresentar este artigo do Pe. A. Germano, que nos dá uma idéia completa do que é, de como funciona e da situação atual da Organização que poderá, servir de modelo para a organização de um serviço de orientação vocacional em outras Congregações.

Fazemos votos, portanto, que movimentos similares possam surgir em todos os estados do Brasil, para uma mais rápida solução do magno problema vocacional, já tratado em São Paulo em princípios deste ano, no Curso Vocacional promovido pela CNBB e CRB, e ultimamente pela Assembléia Anual dos Superiores Maiores do Brasil.

A Redação

I — ESTRUTURA

1. DE QUE SE TRATA:

A Organização Gonzaga ("Serviço de Orientação Vocacional") é um movimento de juventude que busca:

- a) descobrir o germen da vocação sacerdotal ou religiosa no coração dos jovens em que a graça divina a possa ter depositado;
- b) amparar e defender essas vocações nascentes da possível influência nociva de um meio muitas vezes adverso;
- c) orientá-las para a sua mais plena realização por meio de uma formação adequada que prepare o ingresso no Seminário.
- d) Finalmente, esse mesmo trabalho de busca, amparo e orientação possibilitará uma seleção mais ampla e mais criteriosa dos futuros candidatos ao Sacerdócio.

É, pois, a Organização Gonzaga um modesto mas sincero esforço de colaboração com a Igreja na solução do que alguém chamou "o seu mais

urgente problema no Brasil": o problema das Vocações Sacerdotais e religiosas.

2. COMO FUNCIONA:

A Organização tem dois campos naturais de ação: as Paróquias e os Colégios.

a) Nas Paróquias:

1) Suposta e indispensável autorização do Bispo da Diocese, o primeiro passo terá que ser procurar o apoio e a colaboração do *Vigário* e seus Cooperadores, se os há.

Sem isso, qualquer tentativa de organização do Movimento estaria quase fatalmente condenada ao fracasso.

2) Assegurado esse apoio, o segundo passo deverá consistir em buscar um *orientador* ou *orientadora*, isto é, uma pessoa *capaz* (de preferência Professora ou Catequista) que queira tomar a frente e assumir a responsabilidade do trabalho.

Pessoa *capaz* quer dizer: que tenha o *jeito*, o *gosto* e o *espírito de responsabilidade* que a obra exige, bem como *instrução* suficiente e um pouco de *tempo* para lhe dedicar.

Um pouco de tempo, apenas! Não é necessário, de forma alguma, que se trate de uma pessoa *desocupada*. Ao contrário, a experiência tem mostrado que as pessoas desocupadas quase nunca encontram tempo para coisa alguma.

Também não se requer uma cultura elevada. Embora uma certa instrução seja certamente indispensável, há pessoas simples que mostram mais *jeito* e capacidade do que outras, muito educadas, mas sem sentido prático nem espírito organizador.

3) Conseguindo o Orientador ou Orientadora, o terceiro passo será *buscar os Candidatos*.

O método para isso poderá variar, conforme as circunstâncias: a informação pessoal do Vigário ou de outras pessoas de critério; a consulta às Professoras e Catequistas; o recurso às Associações religiosas; um inquérito bem feito entre os alunos das Escolas; um aviso em público, ou outro qualquer sistema que as circunstâncias possam sugerir.

A experiência tem mostrado que a dificuldade, muitas vezes, está apenas em começar. Uma vez organizado e funcionando o Movimento, os Candidatos aparecem quase por si mesmos.

4) Com isso, todos os passos preliminares para a organização de um Núcleo estarão dados. Faltarão, no entanto, ainda o *principal*: a formação dos Candidatos, ou seja, a sua preparação para o Seminário.

Essa formação, além de uma suficiente preparação intelectual, no que diz respeito aos conhecimentos gerais, e que se reduz a um *curso* oficial *bem feito*, deverá compreender *dois pontos* principais:

1.º — a fixação e vitalização da *pietade* da criança, por meio de uma intensificação orientada, viva e sadia de seus atos e de sua vida religiosa ordinária;

2.^o — a penetração progressiva da sua inteligência e de seu coração pela Pessoa Sagrada de *Jesus Cristo* e pela idéia e a realidade da *vida sacerdotal* a que aspira. Tudo, naturalmente, em um grau e a uma altura compatíveis com a sua idade e a sua mentalidade.

O meio normal, para conseguir essas duas coisas será : fazer observar o mais fielmente possível o pequeno *regulamento* de que adiante falaremos e aproveitar inteligentemente as *reuniões* (semanais ou ao menos quinzenais) para observar, instruir, corrigir e orientar.

Do ponto de vista humano essas reuniões terão que ser o centro, a alma e a vida de cada Núcleo.

b) Nos Colégios:

Nas Escolas e Colégios o recrutamento será mais simples e a formação poderá ser mais completa, em virtude do contacto constante entre os Candidatos e os Orientadores, que poderão ser os mesmos Diretores ou Professores do estabelecimento.

O trabalho, no entanto, é essencialmente o mesmo, sofrendo apenas as modificações e adaptações que as circunstâncias exijam.

3. PORQUE "GONZAGAS"?

Mas por que chamar "Gonzaga" à Organização e "Gonzagas" às crianças que nela se inscrevem?

Em homenagem a *São Luís de Gonzaga*, jovem estudante da Companhia de Jesus, que é o *Padroeiro Oficial do Movimento*.

E foi precisamente êle o escolhido para Padroeiro por três motivos:

a) Por ter sido êle oficialmente constituído, pela mesma Igreja, *Padroeiro da Juventude*, especialmente da Juventude Estudantil, em todo o mundo.

b) Porque foi um *modelo acabado de heroísmo no amor* e na luta pela *vocação*. Todos conhecemos as oposições e obstáculos quase insuperáveis que êle teve de enfrentar e vencer para ser-lhe fiel.

c) Finalmente, por ter sido êle, durante toda a sua vida, um verdadeiro *Anjo de pureza* em meio à corrupção do mundo. Ideal a que deve também tender todo jovem que aspira ao Sacerdócio ou à vida religiosa.

Por todos êsses títulos *São Luís de Gonzaga* tinha mesmo que ser o *Guia*, o *Modelo* e o *Patrono* da nossa Organização. E' o seu Padroeiro natural.

4. DIREÇÃO:

O Movimento está sendo organizado pelos *Padres Jesuítas*, da Província do Nordeste. E seu principal centro de irradiação é, atualmente, a *Escola Apostólica de Baturité* (Ceará), casa em que funciona o Seminário Menor dos mesmos Padres Jesuítas.

Isso não quer dizer, no entanto, que a Obra se destine exclusivamente a buscar vocações para a Companhia de Jesus. Ao contrário, seus Diretores fazem questão de abrir as suas portas a todos os Obreiros da Vinha do Senhor.

Mais que um Movimento jesuístico, a serviço de sua Ordem, a Organização quer ser um movimento *Católico* a serviço da *Igreja Universal* |

Por isso não se pergunta às crianças que pretendem engrossar suas fileiras "que espécie de Padre" desejam ser. Pergunta-se apenas se desejam ser Sacerdotes. A escolha do ramo, da estrada especial a seguir, no campo comum da Igreja, ficará a cargo da Graça Divina e das inclinações pessoais de cada candidato. Eles serão sempre inteiramente livres para seguir o caminho que mais os atrair. E jamais sofrerão por parte da Direção nenhuma pressão ou insinuação que tenda a fazer com que modifiquem as suas preferências.

Os Vigários, por conseguinte, poderão sempre encaminhar para o Seminário Diocesano todos os "Gonzagas" que assim o preferirem. E os Sacerdotes encarregados de recrutar vocações para outros Institutos religiosos poderão sempre levar consigo aqueles que espontaneamente os queiram acompanhar.

A Direção apenas deseja e espera que todos respeitem sempre escrupulosamente a inclinação pessoal de cada criança, como ela o faz.

5. CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Em princípio, a única condição essencial para que alguém possa ser admitido em um Núcleo "Gonzaga" é que manifeste realmente inclinação para a vida sacerdotal ou religiosa e demonstre possuir, ao menos em germen, as qualidades para isso necessárias.

A experiência, no entanto, recomenda alguns cuidados preliminares e algumas normas concretas, que se poderiam sintetizar assim:

- 1) Ser filho legítimo de família honesta.
- 2) Não ter defeito físico notável que pudesse prejudicar, futuramente, a vida sacerdotal.
- 3) Gozar de boa (ou ao menos regular) saúde física e mental.
- 4) Ter 9 anos, no mínimo, e 14, no máximo (se se trata de alunos do Curso Primário).
- 5) Cursar pelo menos o 2.º ano primário.
- 6) Não demonstrar tendência para maus costumes.
- 7) Mostrar uma certa inclinação para a piedade e os atos religiosos compatíveis com a sua idade.
- 8) Demonstrar possuir a inteligência necessária para levar adiante os estudos eclesiásticos.

Os meninos de menos de 9 anos em geral não sabem ainda bem o que querem nem têm suficiente discricção para tomar as coisas a sério.

Quando muito poderiam ser admitidos como uma espécie de "Benjamins" ou aspirantes, com acesso aos movimentos mais simples do Núcleo, mas sem fazerem parte do grupo oficial dos "Gonzagas" nem estarem obrigados a todo o seu Regulamento. Quase o mesmo se poderia dizer dos de instrução inferior ao 2.º ano primário.

Os de mais de 14 anos geralmente não se adaptam bem aos movimentos de nível primário. E muitas vezes prejudicam positivamente os menores. Aparecendo algum caso especial, deverá ser resolvido à parte, individualmente.

6. DEVERES FUNDAMENTAIS DO "GONZAGA"

- 1) Assistir devotamente à Santa Missa, pelo menos:
 - a) nos Domingos e Dias Santos;
 - b) nos Sábados, em honra de Nossa Senhora, Advogada das Vocações e Rainha dos "Gonzagas".
- 2) Receber, com freqüência, a Jesus, na Eucaristia. (Um bom "Gonzaga" não deixará de comungar pelo menos uma vez por semana).
- 3) Assistir pontualmente às reuniões do Núcleo.
- 4) Rezar diariamente uma breve Oração da Manhã e da Noite.
- 5) Rezar diariamente pelo menos uma dezena do Têrço de Nossa Senhora.
- 6) Visitar com freqüência o Santíssimo Sacramento.
- 7) Ajudar o Vigário nos atos religiosos (Missa, Bênção etc.) e em tudo o mais em que ele possa precisar da colaboração dos "Gonzagas".
- 8) Tratar, sempre aos Sacerdotes com atenção e respeito.
- 9) Comportar-se dignamente em casa, na Igreja, na Escola e na rua.
- 10) Estudar com seriedade as lições e preparar com cuidado os deveres escolares.

Evidentemente não se poderá exigir das crianças que sejam perfeitas em todos esses pontos. Eles, servirão, no entanto, como orientação geral, ideal a ter em vista nos conselhos, instruções, orientações, etc.

II — SITUAÇÃO ATUAL

Depois de 20 meses de atividades a situação atual da Organização é, em síntese, a seguinte:

1. NÚCLEOS:

Há, no momento presente, 15 Núcleos em funcionamento, 13 paróquiais e dois colegiais, todos no Ceará. Abrigam 198 crianças, entre o primeiro ano primário e a terceira série ginasial, e são dirigidos por 26 Orientadoras, quase todas professoras.

Dos 198 "Gonzagas", apenas 9 cursam o Ginásio. Os outros todos fazem o primário, sendo que a maioria está distribuída entre o 3.º primário (62) e o 2.º (53).

Dos 15 Núcleos, 11 estão funcionando normalmente, totalmente de acordo com as normas acima expostas. Os outros 4 se encontram em uma situação um tanto difícil e especial, mas vão lutando.

Dos Núcleos fundados até agora apenas um teve de ser supresso. E esse mesmo por motivos muito especiais: a organização, na mesma paróquia, por parte das autoridades competentes, de outro centro vocacional, de estilo um tanto diferente, que absorveu o primeiro. O que, no entanto, se fez de comum acordo e sem atrito.

2. "PIONEIROS":

Ao iniciar-se o presente ano letivo os Seminaristas "Gonzagas" (levados

ao Seminário pela Organização) eram já 55, distribuídos por nada menos de 9 seminários diferentes, 3 diocesanos e 6 religiosos.

Dentro da Organização eles são chamados "Pioneiros" pois vão à frente, abrindo o caminho e mostrando o rumo a seguir aos que ficam nos Núcleos.

Desses 55, três quintas partes (exatamente 33) acompanharam os Diretores ingressando na Escola Apostólica dos PP. Jesuítas, em Baturité, Ceará. Os outros dois quintos (22) se distribuíram pelos outros 8 seminários, sendo 9 nos três seminários diocesanos e 13 nos seis aspirantados religiosos.

Convém notar que dos 43 ingressados este ano (os outros 12 eram do ano passado), 22 escolheram os outros seminários e apenas 21 (menos da metade, portanto) seguiram os PP. Jesuítas. O que é uma prova eloqüente da sinceridade dos Diretores ao darem ao Movimento um caráter aberto e universal.

3. OBSERVAÇÕES:

Esses os números. A verdade, no entanto, exige alguns esclarecimentos.

Nem todos esses 55 "Pioneiros" foram "Gonzagas" em sentido estrito, isto é, nem todos frequentaram normalmente, antes de entrar no Seminário, um Núcleo organizado. Vários deles foram examinados e admitidos enquanto os PP. Coordenadores preparavam a fundação de seus núcleos, mas sem terem chegado a frequentá-los. E, por isso mesmo, sem terem sido devidamente preparados e "provados". Alguns mesmo são oriundos de cidades onde nem sequer existem Núcleos. A Organização os encaminhou para o Seminário, mas não se pode dizer que eles tenham sido "preparados" por ela.

E mesmo entre os que passaram pelos núcleos e os frequentaram é preciso ainda fazer uma distinção. Há os que passaram e foram realmente "aprovados" e os que, nos Núcleos, não deram suficiente prova de si e, por conseguinte, foram admitidos com uma certa pressa e excessiva benevolência. Alguns mesmo contra o parecer dos Dirigentes.

Estas observações nos parecem necessárias, principalmente, para não dar a esses números maior valor do que eles realmente têm. E depois para que, no futuro, se possa fazer um julgamento realmente objetivo sobre os resultados do trabalho realizado.

Chamando "Pioneiros" de *Classe A* aos plenamente aprovados, nos Núcleos, de *Classe B* aos admitidos com demasiada pressa, e de *Classe C* aos que foram encaminhados pela Organização, à base de informações, mas sem passar pelos núcleos, teríamos, em números, o seguinte quadro:

— Classe A	—	25
— Classe B	—	11
— Classe C	—	19

4. NOVA FASE:

Durante o ano de 1961 a Organização passará por uma nova fase.

Apoiados nos ensinamentos do P. Bortoni e demais lições do encontro de Pastoral Vocacional, de São Paulo, e em sua própria experiência, os Diretores

resolveram mudar um pouco o sentido do trabalho, passando da horizontal para a vertical: menos expansão e mais profundidade. Em vez de fundar novos e novos Núcleos, organizar primeiro e orientar melhor os já existentes.

Para isso se promoverá, oportunamente, um "encontro" de Orientadoras em que elas adquiram noções mais exatas e mais profundas sobre a vocação, bem como critérios objetivos para descobrir mais facilmente os seus indícios e cultivá-los melhor.

A partir do 2.^o semestre elas receberão também, mensalmente, uma orientação pormenorizada sobre o modo como desenvolver e dirigir cada reunião, e esquemas bastante completos das instruções a dar.

Assim haverá em todos os Núcleos uma orientação mais uniforme, mais completa e sobretudo mais profunda. E os meninos terão, de fato, uma verdadeira *preparação* intelectual, espiritual e mesmo afetiva e litúrgica para o Seminário.

O tema central das instruções será a pessoa de Jesus e a missão sacerdotal. Todas serão baseadas no texto mesmo do Evangelho e em linguagem adaptada à idade e à mentalidade dos ouvintes.

Que o Divino e Eterno Sacerdote, a Virgem Santíssima e São Luís de Gonzaga nos abençoem e iluminem, mostrando os erros a evitar e o caminho a seguir para a maior glória de Deus e o serviço da Igreja universal.

CENTRO INFORMATIVO CATÓLICO

Semanário Noticioso que há dez anos vem ampliando seu campo de ação.

Servindo inicialmente apenas à rádio local, sob a sigla CRF (Centro Radiofônico Franciscano), o CIC CENTRO INFORMATIVO CATÓLICO entrou hoje em contato com agências e publicações internacionais, tornando-se dinâmico boletim noticioso católico de nossa Terra. Veiculando as notícias religiosas e sociais através de mais de 160 rádios, 159 jornais e 80 alto-falantes, a voz da Igreja atinge todos os recantos do Brasil.

Através das pílulas de notícias, vai-se firmando a orientação e a atitude dos católicos, nesta hora decisiva da História.

Assinatura anual: Cr\$ 800,00 — por via comum;
 Cr\$ 1.600,00 — por via aérea;
 Cr\$ 2.000,00 — assinatura de benfeitor;
 Cr\$ 2.500,00 — assinatura de benemérito.

Para facilitar nosso serviço queiram dirigir toda a correspondência à Editôra Vozes, Ltda., Cx. 23 — Petrópolis — RJ. Pagamentos por cheque, vale postal ou carta com valor declarado diretamente para o endereço acima. — A Editôra se encarregará de fazer chegar tudo às nossas mãos.

ORDENS, CONGREG. E SEDES DE GOVÊRNO NOVAS 1957 a 1960

TRANSFERÊNCIA DE CASA GERAL PARA O BRASIL

1 — NOSSA SENHORA DE SION, Congregação de
CASA GERAL NOSSA SENHORA DE SION — Rua Lino Coutinho, 444
— São Paulo, Capital — Tel. 63-7489. Procedência: Rua Notre Dame des
Champs, 68 Paris VI, França. Data da transferência: 1959. Superior Geral:
Pe. Antonio Testa.

CONGREGAÇÕES NOVAS CHEGADAS DO EXTERIOR

1 — OPERÁRIOS EVANGÉLICOS, Irmandade de
Fundação: Espanha. Data: 1939. Fundador: ... Situação Canônica: Instituto
Secular de Padres e seculares de direito... Finalidade: Apostolado Junto à
Ação Católica e as Universidades. Chegada ao Brasil: 1958. 1.^a Casa fundada:
Av. Bernardino de Campos, 93 — São Paulo, Capital. Casa Geral: Rua G. bral-
tar, 6 — Salamanca — Espanha. Superior Geral: ... Superior no Brasil:
Pe. José Luís Cotallo.

2 — IMACULADA CONCEIÇÃO DA SSMA. VIRGEM MARIA E
MAE DE DEUS, Congreg. dos Irmãos da
Fundação: Huybergen, Holanda. Data: 25-9-1854. Fundador: Mgr. I. V.
Hooydonk Bispo de Breda. Situação Canônica: de Direito Pontifício. Finalidade:
Educação e ensino. Chegada ao Brasil: 6-11-1957. 1.^a Casa fundada: Instituto
Santa Maria — Pça. Major João Carlos, 7 — C.P. 9 — Cáceres — Mato Grosso.
Casa Geral: Generaal Hoogstraat 23 — Bergen op Zoon — Holanda. Superior
Geral: Ir. Venantius Bul. Superior da fundação no Brasil:

NOVAS SEDES DE GOVÊRNO E FUNDAÇÃO PROCEDENTES DO EXTERIOR, DE CONGREGAÇÕES JÁ EXISTENTES NO BRASIL.

1 — SAGRADA FAMÍLIA, Congregação dos Missionários da
Vice-Província
Instalação: 1959. Sede: Januária — Minas Gerais. Procedência: Província
Alemã — Dueren, Friedrichstr. 11 — Alemanha. Vice-Provincial: Pe. Stephan
Boron.

2 — SANTÍSSIMA CRUZ E PAIXÃO DE N. SENHOR JESUS
CRISTO, Congregação da
Sede Regional.
Instalação: 1958. Sede: Casa Paroquial S. Pio X — Rua 31-A — FAMA —
Goiânia — Goiás. Procedência: Província "Mater S. Spei" — Paters Passio-
nisten — Mook (L) — Holanda. Superior Regional: Pe. Estanislau van Mellis.

3 — SANTÍSSIMO REDENTOR, Congregação do
Casa dependente da Província Irlandesa: Mt. St. Alphonsus, Limerick,
Ireland.

CASA DE N. S. DO PERPÉTUO SOCORRO — Pedro Afonso — Goiás.
Dioc. de Pôrto Nacional — Fundação: 11-10-1960. Superior local: Pe.
James Collins.

NOVAS SEDES DE GOVERNO DESMEMBRADAS DE OUTRAS JÁ EXISTENTES NO BRASIL.

1 — AGOSTINIANOS RECOLETOS, Ordem dos
Província de Sta. Rita de Cássia.

Ereção: 29 de Junho de 1960. Sede: Rua São José, 743 — Ribeirão Preto —
São Paulo — C.P. 120 — Tel. 1693. Procedência: Província de São Tomaz
de Villanova — Rua Domingos de Moraes, 2387 — Vila Mariana — São Paulo,
Capital. Tel. 70-3638. Provincial: Frei Estevão Montes da Sagrada Família.

2 — CONSOLATA PARA AS MISSÕES ESTRANGEIRAS, Inst. da
Delegação do Rio Branco — Boa Vista AC

Ereção: 1 de Novembro de 1960. Procedência: Delegação Brasileira de Nossa
Senhora Aparecida — Rua Domingos de Silos, 110 — São Paulo Capital.

§ 3 — FRADES MENORES, Ordem dos
Comissariado de Santo Antonio de Óbidos

Ereção: 22 de Março de 1956. Sede: Óbidos — Pará. Procedência: Província
de Santo Antonio — Rua do Imperador, s/n — C.P. 1931 — Recife — Per-
nambuco. Delegado Provincial: Frei Prudêncio Kalinowski.

4 — TERCEIRA ORDEM REGULAR
Comissariado Brasileiro

Ereção: 9 de Abril de 1960. Sede: Rua Retirada da Laguna, s/n. — Mogi-Mirim
São Paulo — C.P. 161 — Procedência: Comissariado Provincial dependente
da Província de Albi — França e Casas da Prelazia de Guajará-Mirim, tendo
como sede o Convento N. S. de Fátima — Av. Dr. Arnaldo, 1831. — Sumaré
— São Paulo, Capital. Comissário: Pe. Roberto Gomes de Arruda.

5 — ESCOLAS CRISTAS, Instituto dos Irmãos das
Províncias de São Paulo

São Paulo

Ereção: 24 de Fevereiro de 1959. Sede: Avenida Nazaré, 582 — Alto do
Ipiranga — São Paulo, Capital. Procedência: Província de Pôrto Alegre
(Antiga Província do Brasil) — Instituto S. José — Canoas — Rio Grande
do Sul. Provincial: Irmão Agostinho Simão.

6 — MARISTAS DAS ESCOLAS, Institutos dos Irmãos
Províncias de São Paulo

Ereção: 23 de Novembro de 1958. Sede: Ginásio N. S. da Glória — Rua Justo Azambuja, 121 — Cambuci — São Paulo, Capital — C.P. 15.176 — Tel. 33-7680. Procedência: Província do Rio de Janeiro (Antiga Província do Brasil Central, com sede em Mendes, Est. do Rio) — R. Lavras, 225 — Carmo — Belo Horizonte — Minas Gerais. Provincial: Irmão Egidio Luiz.

CASA DEPENDENTE DE PROVÍNCIA ESTRANGEIRA, FECHADA:
CARMÉLO, Ordem dos Irs. da B.V.M. do Monte

Casa dependente da Província de Toscana: Basilica do Carmo — 14. Florença — Itália.

BUENÓPOLIS — MG — Convento do Carmo — Pça. Frei Henrique. (Única Casa no Brasil). Fechada em 1958.

SEDES DE GOVERNO QUE SE UNIRAM

MARIA IMACULADA, Congregação dos Filhos de
Sede Regional de Pouso Alegre — Minas Gerais
Sede Regional de Vitória — Espírito Santo

Nova Sede: Padres Pavonianos — Vila Pereira Carneiro, 176 — Niterói — Est. do Rio. Delegado do Superior Geral: Pe. Luigi Paoli. Data da nomeação: 15 de Setembro de 1960.

Depto. de Estatística da C.R.B.
2/10/1961.

IMPRENSA CATÓLICA UNIFICADA

Rio de Janeiro — (CIC)

A revista ESTRELA DO MAR, com mais de 50 anos a serviço das Congregações Marianas do Brasil, está em franco progresso atingindo em 1962 a apreciável tiragem de 40 mil exemplares distribuídas por mais de mil Congregações desde o Estado do Amazonas até o Rio Grande do Sul.

Em várias dioceses, a ESTRELA DO MAR foi adotada como revista das Pias Uniões das Filhas de Maria. Em vista disso, será mantida uma página de orientação e — quanto possível de informação — para as Pias Uniões a partir de janeiro.

É mais uma tentativa — que esperamos seja vitoriosa — no sentido da unificação da imprensa mariana, ponto de partida e experiência útil para um trabalho mais amplo de unificação da imprensa católica.

Enderêço da Estrela do Mar: Caixa Postal, 310 — Rio — GB.

VINTE E CINCO ANOS DE APOSTOLADO SALVATORIANO EM TERRAS BRASILEIRAS

Irmã M. Antonietta M. Santos, SDS

O dia 6 de dezembro assinala a passagem do 25.^o aniversário da chegada das primeiras Irmãs do Divino Salvador — Salvatorianas — à Terra de Santa Cruz. São inúmeras as felicitações que a Congregação vem recebendo em retribuição a obem que neste quarto de século vem, sob as bênçãos de Deus, disseminando pelo Brasil afora em todos os setôres de atividades sociais.

Como tôdas as obras do agrado de Deus, não faltou às pioneiras a aplicação da parábola do sementeiro relatada nos Santos Evangelhos, pois a sementinha encontrou, durante este lapso de tempo, terrenos das mais variadas espécies: férteis, pedregosos e espinhosos, às vêzes. Apoiadas, porém, unicamente n'Aquêle que as chamara, n'Ele encontraram fôrças para fazer frente às vicissitudes. Sabiam bem que a moeda com a qual se compram as almas tem por efigie o lábaro da cruz.

Sacrificando-se, pois, nos mais diversos misteres, pela santificação própria e salvação das almas imortais, hospitais, asilos, orfanatos, escolas e direções domésticas têm sido teatro de seu zêlo esclarecido, prova de que Deus não se deixa vencer em generosidade.

Vinte e cinco anos de missão brasileira são um atestado da proteção do alto sôbre o modesto rebento que, orvalhado pela Divina Graça, mostra-nos a todos que a Congregação tem suas raízes bem aprofundadas na rocha firme da Santa Igreja de cujos jardins pretende ser uma florinha humilde e dedicada.

Em rápido esboço apresentaremos, a seguir, um pouco da história de nossa Congregação.

O FUNDADOR

Numa região romântica da Alta Renânia, na modesta aldeia de Gurtweil, nasceu aos 16-6-1848 o Padre Francisco Maria da Cruz Jordan, de família pobre de bens materiais mas imensamente rica da graça de Deus. Sua infância, que êle passou tôda no modesto lugarejo, foi dividida entre os estudos elementares e, já bem cedo, o auxílio à família, composta de cinco pessoas e que tivera a dita de ser marcada providencialmente com o sêlo da cruz. O pai, em um desastre, perdeu uma perna e sofreu uma deformação no tórax, ficando, em consequência,

defeituoso para o resto da vida. Assim mesmo desincumbia-se de pequenos ofícios que o auxiliavam a contrabalançar o orçamento precário da família na qual, apesar de tudo, reinavam a paz e a conformidade oriundas da fé e do amor de Deus.

Na escola o pequeno João (era êsse seu nome de batismo) ocupou sempre o primeiro lugar. De espírito vivo, era muito bem dotado e de rara capacidade intelectual. Conhecedor de suas vantagens sôbre o restante da classe e, ao mesmo tempo, amante de uma boa pescaria, não hesitou, por vêzes, trocar as horas de aula pela pesca, substituindo os livros pelo anzol. Contudo, jamais foi malicioso.

A transformação de seu temperamento fogoso e irrequieto data da época de sua primeira comunhão, para o que se preparou com esmero e grande piedade e, durante a qual, afirmava êle com convicção, ter visto uma pombinha branca a esvoaçar em tórno de sua cabeça, durante todo o tempo que durou a cerimônia, o que causou, ao piedoso comungante, alguns momentos de inexplicável distração. Tudo indica tenha êle ouvido por essa época o chamado do Mestre.

Mais tarde, operário, o piedoso jovem encaminhar-se-à a passos largos na senda luminosa de seu nobre ideal: será sacerdote. Mas como a senhora Pobreza continúa a ser hóspede permanente daquele humilde lar, durante algum tempo, o jovem candidato ao altar de Deus, terá de se submeter às mais duras provações. Sucessivamente pedreiro, decorador e pescador, foi, graças à caridade de sacerdotes zelosos e de amigos influentes, que êle conseguiu matricular-se no Curso de Humanidade. Tinha vinte e cinco anos. Facilidade extraordinária para o estudo das línguas, o seu primeiro exame no liceu foi um atestado de seu progresso inaudito, desenvolvendo em doze diferentes idiomas o tema que lhe coube.

Para auxiliar as despesas escolares deu aulas particulares. Sua preparação para o Sacerdócio é uma estrada pavimentada de lutas, de esforços heróicos e de quase intransponíveis dificuldades; foi um calvário no cume do qual se achava Jesus, seu Grande Modelo, também pobre, exausto, falho de recursos humanos como o piedoso clérigo, mas abrasado de grande amor às almas e à Santa Igreja. Não escrevera êle um dia: "Viver só com Deus, viver só para Deus, agir só para Deus"? Sua confiança não fôra esatéril: Deus atraiu-o fortemente a Si.

Aos 21.7.1878, com a Alemanha oprimida pelo Kulturkampf, atrás de portas fechadas, o nosso diácono e mais onze companheiros recebiam das mãos de um corajoso antístite a Sagrada Ordenação. Eram sacerdotes para sempre.

Dispersos, alguns dias depois, cada um celebrou como e onde pôde a primeira Santa Missa. No Santuário de Einsiedeln, junto a sua piedosa mãe e algumas pessoas de sua aldeia natal, o Padre Francisco oferecia a Deus, pelas mãos de Maria, as suas primícias sacerdotais. E o futuro nos mostra o quanto agradara à Virgem a mediação da generosa oblação do levita tomando-o, desde então, sob sua especial proteção.

Repleto o coração de zêlo ardente pela causa divina, experimentado duramente na escola da cruz, fundou o Padre Francisco em 1881 a Sociedade do Divino Salvador — Padres Salvatorianos — cujos membros espalhados hoje em tôdas as partes do mundo, realizam o lema do venerando Fundador: levar o

mundo inteiro a Cristo Salvador.

Em 1888 fundou, com a baronesa Tereza von Wullenweber, a nossa congregação para a qual foi, até o fim da vida, guia seguro e pai extremo. Faleceu aos 8-9-1918, durante a primeira guerra mundial, julgando-se feliz por lhe terem as circunstâncias permitido morrer pobre entre os pobres e aos quais dedicara incansavelmente sua vida. A fama de suas virtudes provadas heróicas permitiu-nos a abertura de seu processo de beatificação que já se encontra em adiantada fase. Seus filhos e filhas espirituais aguardam para breve, após a palavra esclarecida e infalível da Santa Igreja, o dia da elevação do amado pai às honras dos altares.

A FUNDADORA

Madre Maria dos Apóstolos, no século Baronesa Teresa de Wullenweber, nasceu aos 19 de Fevereiro de 1833, no castelo de Myllendonk, Gladbach, junto ao Reno, filha primogênita do casal Barão Teodoro von Wullenweber e Constância Elisabeth Le Fort. No dia seguinte ao do nascimento foi batizada na capela do castelo; nascendo para a vida da graça, recebeu os nomes de Maria Teresa Francisca Josefa Elisabeth Constância. Em homenagem à madrinha, o apelativo de família será sempre Teresa.

Sua infância decorreu tranqüila entre o carinho dos pais e, em idade escolar, a dedicação das mestras. Fêz em casa todos os estudos possíveis de serem feitos e, sob a direção de professores particulares e da piedosa mãe, sua primeira e mais dedicada mestra, aprendeu, junto com as orações e atos de virtude, a prática da mais genuína caridade.

Teresa tinha 15 anos quando os pais, a fim de completá-lhe a educação, a confiaram ao Colégio La Paix de Notre Dame, em Liège, Bélgica, dirigido pelas Monjas Benedictinas, abalizadas educadoras.

Ali, sob sábia, maternal e prudente direção, encontrou a juvenzinha oportunidade de desenvolver o vasto cabedal de virtudes já encontradas em germen em seu bem formado coração. Exímia na música, aos três anos de idade nela já esboçava a pianista em embrião.

Aos dezessete anos, ao deixar o colégio que tanto amava e as caras mestras às quais tanto devia de sua formação, um ideal de vida e superior já se desvenda a seu espírito. Contudo, pressentiu também não ser o claustro beneditino o seu oásis. Urgia estudar melhor a sua vocação.

O pai que, apesar de profundamente cristão, não queria nem por sonho admitir em sua primogênita algum sinal de vocação religiosa, recebeu-a em casa com os mais efusivos sinais de alegria. Ela lhe era, sob vários pontos de vista, uma cópia perfeita; e disto se orgulhava o distinto barão, não fazendo segredo de sua secreta esperança de ver continuada nesta filha — pois que o céu lhe negara filho varão — a nobre descendência dos Wullenweber, cujo nome e brasão jamais se empanaram em tantas e sucessivas gerações.

Mas o homem propõe e Deus dispõe. Nem o afeto sincero dos pais e o carinho das irmãs, nem o aconchêgo do lar amigo com o conforto de uma vida despreocupada de problemas financeiros, nem a freqüência da sociedade

culta e nobre, nada conseguia desvanecer na alma da jovem titular aquêlo apêlo divino que ela sentira no fundo da alma: "Segue-me". Zelosamente ela consevará o eco dêsse apêlo por entre as espessas brumas de uma estrada acidentada que o amor de Deus a fará trilhar, porque perplexidades, lutas, angústias e incertezas serão, durante mais de três decênios, o seu pão cotidiano.

Uma grande e filial devoção à Santíssima Virgem foi o ancoradouro que preservou esta grande alma dos perigos do mundo e dos muitos escolhos da vida, ajudando-a a triunfar de tôdas as dificuldades e, principalmente, no difícil meio têrmo entre o afeto profundo que nutria pelo caro pai e o desejo de fazer-lhe em tudo a vontade e o conservar-se livre de todo laço terreno, destruindo assim as esperanças do nobre genitor, o qual, seja dito de passagem, conhecedor que foi da vontade de Deus a respeito da filha predileta, deu-lhe inteira liberdade de seguir o chamado divino.

Dificuldades político-religiosas do tempo não permitiram à Castelã de Wullenweber ver realizado na própria pátria o seu ideal. Estando nos planos da Providência que havia de ser alicerce de uma nova Congregação Religiosa, ela faz o sacrifício de tudo quanto lhe sorria e, humilde, pobre e obediente, transporta para a Itália bôrço da nova família — um coração repleto de amor de Deus de Quem deseja ser o "apagado instrumento que desaparece na humildade".

Fundador e Fundadora cursaram a mesma escola da cruz. O encontro é pois provincial e não admira à posteridade tenham estas duas grandes vidas sido escritas à sombra das oliveiras. É lei geral do amor e os dois não fizeram exceção à regra.

O dia 8-12-1888 marca para nós o início da ascensão contínua desta alma privilegiada que, tornada agora mãe de uma pobre família, dará a suas filhas os mais tocantes exemplos de virtude, formando-as no mais genuíno espírito salvatoriano. E assim a Baronesa Teresa de Wullenweber desaparece do cenário humano para dar lugar — para viver para sempre — à figura inconfundível de Madre Maria dos Apóstolos — protótipo de preclaras virtudes — sobretudo de perfeitíssima obediência, em cujos revêrberos luminosos espelham-se hoje, de modo muito especial, as Salvatorianas Brasileiras.

A meia noite do dia 24 de Dezembro de 1907 — precisamente no momento em que a Santa Igreja festeja o nascimento de Jesus em companhia dos anjos, nossa Mãe transpunha os umbrais da eternidade. Por quase dois decênios dirigira, como Superiora Geral, a Congregação.

Uma contínua floração de graças e favores celestes, obtidos de Deus por sua intercessão, levaram as autoridades competentes a instaurar o processo de sua beatificação que se encontra, no momento, em satisfatório andamento, o que nos permite — subordinando-nos sempre ao infalível parecer da Santa Igreja — esperar para muito breve a inscrição do nome de Madre Maria dos Apóstolos no catálogo dos Santos.

A FUNDAÇÃO

Foi no dia 8-12-1888 que teve início a nossa Congregação. Um sacerdote

humilde e uma baronesa generosa foram os instrumentos escolhidos pela Providência para esta realização. Foi Tívoli — cidadezinha italiana — que abriu os braços e o coração para acolher a modesta semente que não podia ser lançada em solo alemão, pátria dos Fundadores, por motivo de perseguições religiosas.

Numa residência humilde onde faltava tudo, em uma minúscula capelinha, em juco altar imperava a Madona-mãe e mestra da nascente obra, receberam naquele dia, das mãos do Padre Francisco Maria da Cruz Jordan, o Santo Hábito as três primeiras Salvatorianas: Irmã Maria dos Apóstolos, Ir. Clara e Ir. Scolástica.

Como a tôdas as obras agradáveis a Deus, não lhe faltaram pobreza, humilhações, sofrimentos e contradições. A prova máxima da predileção divina que ainda não havia chegado não tardou, porém. Veio representada numa grande cruz: uma grave epidemia de tifo, tempos após, se abateu sobre a nova comunidade.

Justificando porém o axioma de que "Deus se acha escondido atrás de cada sofrimento", esta dura provação que abriu claros dolorosos nas recém-formadas fileiras, levando ao túmulo quase uma dezena de jovens Irmãs que eram a esperança da Congregação, esta cruz foi também o caminho escolhido pela sabedoria divina, possibilitando, por meio do necessário êxodo, a entrada e a fixação do incipiente generalado em Roma, aonde as chamara o zêlo e as preocupações paternais do Fundador. Madre Maria dos Apóstolos realizava dêste modo o grande sonho de sua vida: ter em Roma a Casa-Mãe, sonho êsse, a olhos humanos, dificilmente realizável naquele tempo, por motivo vários.

Ela compreendeu, porém, o preço do resgate. As almas de suas filhas sacrificadas receberam sempre a parte melhor de seus sufrágios e orações e seus túmulos receberam sempre a sua visita materna; data desta época talvez o seu primeiro ato de virtude heróica no exercício da Santa Obediência.

Aos 18-8-1911 a Congregação recebeu o Decreto de Louvor e aos 26-4-1926 recebia a Aprovação Definitiva que a equiparou, desde então, às Congregações de Direito Pontifício. Fundador e Fundadora já estavam no céu.

EXPANSÃO DA CONGREGAÇÃO

A Congregação teve rápida expansão. Missões na China, no Equador, fundações na América do Norte, Inglaterra, Áustria, Alemanha se sucederam com frequência. Formadas na escola d'Aquele que no palco de um patíbulo encenou o grande ato de nossa Redenção, as Irmãs Salvatorianas iniciaram seu apostolado que hoje já desenvolvem em tôdas as partes do mundo.

A PROVÍNCIA BRASILEIRA

As Irmãs do Divino Salvador chegaram ao Brasil aos 6 de dezembro de 1936, atendendo ao apêlo partido da Terra de Santa Cruz. O primeiro núcleo residencial foi instalado em Videira, no Estado de Santa Catarina, hoje sede Provincial.

O incremento recebido no Brasil coloca hoje a nossa fundação brasileira na destacada posição de ser a mais florescente Província da Congregação. Comissariado até 1947, daí em diante o Brasil passou a constituir uma Província com sede em Jundiaí-Estado de São Paulo.

A fundação de várias casas em pontos quase extremos do país e, além disso, o problema de serem as vocações encaminhadas tôdas a um só Noviciado no Estado de Santa Catarina determinaram em 1951 o desmembramento da Província Brasileira em duas circunscrições assim constituídas: Provincialado Meridional Brasileiro, com sede em Videira, S. C.; Provincialado Setentrional Brasileiro, com sede em Americana, S. P., tendo cada uma a faculdade de erigir seu próprio Noviciado.

Na altura das comemorações jubilares do apostolado salvatoriano em terras brasileiras eleva-se a quinhentos o número de membros entre Candidatas, Noviças e Irmãs Professas — distribuídas em conçoenta residências que aí estão a atestar a vitalidade das obras de Deus e a convidarem as Irmãs do Divino Salvador a dobrarem os joelhos e, em espírito de humildade e de agradecimento, entoarem o Magnificat! E depois, com zêlo sempre mais crescente, trabalhar na santificação própria e na salvação das almas imortais a fim de mostrar ao maior número possível dessas mesmas almas o caminho luminoso que as levará à Casa do Pai.

SITUAÇÃO ATUAL DA CONGREGAÇÃO

Na superintendência de nossa Congregação se encontra, desde 1947, a Rvma. Madre M. Olympia Heuel sucessivamente reeleita no IX e no X Capítulos Gerais.

Espírito esclarecido, sua atuação, à frente da obra de Madre Maria dos Apóstolos, se faz sentir de vários modos mas notadamente no setor missionário. Sob sua direção, a Congregação já penetrou na África, no Congo Belga, no Ceilião e, ultimamente, na Palestina onde, em duas residências, Belém e Nazaré, as salvatorianas têm oportunidade de exercerem o seu opostolado na terra santificada pelo nascimento, vida e pregação do Divino Salvador.

Eminentemente universal, a Congregação mantém em Roma, anexo à Casa Generalícia, um Noviciado Internacional onde se preparam vocações missionárias. Ali se encontram Irmãs de tôdas as nacionalidades, inclusive brasileiras. Ali se falam todos os idiomas, mas a conveniência e a compreensão não se tornam difíceis, pois o elo que liga a tôdas é o vínculo da Caridade, o mais clássico de todos os idiomas universais.

Neste amor fraternal está baseado o lema da atual Superiora Geral que, numa fórmula de aguda e esclarecida penetração, coloca a vida salvatoriana naquele tão delicado quão difícil meio têrmo entre a firmeza da observância regular, as tradições indestrutíveis da Congregação e o nosso tempo que reclama as diretrizes e a prática de uma cada vêz mais necessária atualização:

“Nas coisas pequenas: — *Liberdade*

Nas grandes decisões: — *União*

Em tôdas as coisas: — *Caridade*”.

MISSÃO APOSTÓLICA DO PADRE MATEO

Pe. Sebastião Maria Martin S.S.CC.

Após um ano desde que o venerando Fundador da Entronização nos deixou pelo Céu (1), bom é que nos recolhamos um instante ante a herança que o mesmo quis confiar ao nosso zêlo apostólico. Ele conta conosco para continuar a Cruzada de redenção que, em 1908, começou tão felizmente e que, com tanta fidelidade, havia de propagar durante mais de cinquenta anos.

O que nos legou não é uma invenção puramente humana de sua parte. É, com toda a verdade, um dom do Céu que do Coração de Jesus nos veio quando, a 24 de agosto de 1907, em Paray-le-Monial, o confiou ao Pe. Mateo e, por intermédio deste, à sua Congregação e a todos os seus colaboradores no mundo inteiro. Foi uma verdadeira missão que o Pe. Mateo recebeu do Céu. Tal missão é real, é evidente. Os Soberanos Pontífices, por toda a Hierarquia católica, a reconheceram e reconhecem soenemente. Sobretudo, ela foi e é ainda sancionada pelo Céu: as conversões maravilhosas e extraordinárias, mais ainda as admiráveis transformações de um número avultado de famílias mediante a Entronização vivida, são disto prova segura. Para nós, seus sucessores, é-nos de extrema importância jamais perdê-la de vista, se quisermos estar e permanecer à altura desta nobre tarefa.

I — O FATO

São Boaventura, em sua exposição sobre o 9.º capítulo de São Lucas (Nota; 9.ª lição do Ofício de S. João de Capistrano, 28 de março), dá três sinais pelos quais se pode reconhecer se um pregador é enviado pelo Senhor: “*utrum prædicator a Domino sit missus ad Evangelium prædicandum*”.

1.º — O primeiro sinal é a autoridade daquele que o envia “*auctoritas mittentis*”, e que ele especifica: “*Cujusmodi est Pontificis et maxime Pontificis summi qui est loco Petri, imò Jesu Christi*”.

1.º Nos referimos a seu falecimento ocorrido em Valparaíso, no Chile, aos 14 de maio de 1960. (Cfr. Revista da CRB — janeiro de 1961, págs. 43-47).

Ora, está bem claro que foram os sumos Pontífices, Vigários de Jesus na terra, Sucessores de São Pedro, que enviaram pelo mundo o Pe. Mateo. Mostremo-lo brevemente:

Em 1907, o Santo Padre Pio X, na audiência que concedeu ao Pe. Mateo, ratificou o ato de oblação pelo qual o Padre se comprometia a consagrar a sua vida a êste apostolado, assinando-o com estas palavras que pare cundeveras proféticas: "*Adimpleat Deus quod operatus est in te!*" — "Realize, o Senhor, o que em vós operou".

Em 1915, Sua Santidade Bento XV escreveu-lhe: "Tendes em mão uma obra cuja oportunidade nenhuma outra ultrapassa... Continuai então, caro filho, vossos esforços e vosso apostolado a fim de suscitar através dos lares católicos as chamãs de amor para com o SSmo. Coração de Jesus".

Em 1923, é o grande Pontífice Pio XI que escreve ao Padre por ocasião das suas bodas de prata de sacerdócio: "A prova do zêlo com o qual, durante todo êste tempo, vós vos aplicastes a realizar vossas santas resoluções, ressalta principalmente de vosso cuidado em propagar por tôda a parte a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. E isto por tal forma que não sòmente as famílias se consagrem uma a uma ao Divino Coração, mas que, além disso, Nosso Senhor Jesus Cristo seja em cada lar honrado como Rei, em lugar de honra... Rogamos a Deus que vos conserve longos anos e que, em vós, fomente fervor sempre ardoroso para com a SS. Eucaristia, a fim de que, dia a dia, vos leve a prosseguir com mais tenacidade, em vossa salutar emprêsa".

Em 1942, o inesquecível Pio XII, por ocasião dos 50 anos de Profissão do Pe. Mateo, felicita-o "pelo zêlo excepcionalmente fecundo" com o qual exerceu "no decorrer dêste meio século, o *ministerium verbi*, tendendo principalmente à entronização do Sagrado Coração de Jesus nas famílias... Incansável apóstolo desta piedosa prática, tão própria a estender nos lares e entre as nações o reinado de amor, de misericórdia e de paz do Divino Salvador, não tivestes descanso enquanto não a tornastes conhecida, apreciada, adotada nos diversos continentes em que a Divina Provindência vos conduziu os passos... Como não renderemos Nós, juntamente convosco, vivas ações de graças aos SSmos. Corações de Jesus e de Maria? Como não vos desejarmos melhores estímulos, mais abundantes favores do Céu? E' precisamente, a fim de lhes assegurar ainda maior eficácia, que Nós vos enviamos de todo o coração, como penhor da nossa benevolência e de nossas felicitações, a Bênção Apostólica" (13 de julho de 1942). — E, pouco tempo antes da sua morte, o Papa lhe escrevia ainda: "Sua Santidade se compraz em pensar que vos terá sido suavíssimo conforto, no ocaso de vossa vida, o sentir-vos tão plenamente em acôrdo com os mais elevados ensinamentos do Vigário de Jesus Cristo" (13 de junho de 1956).

O glorioso Pontífice reinante, S. S. João XXIII, enviou ao Padre Mateo, em março de 1959, o telegrama seguinte: "Santo Padre, sabendo recente celebração 60.º aniversário sacerdócio caro Padre Mateo Crawley-Bovey, implora todo o coração larga efusão graças divinas sôbre benemérito Religioso, Obra Entronização Sagrado Coração, e concede-lhe penhor sobrenatural conforto na enfer-

midade, favor implorado, mui paternal Bênção Apostólica". E, a 11 de novembro de 1960 Sua Santidade mandava escrever ao Revmo. Pe. Superior Geral por S. Emcia. o Cardinal Tardini: "O Soberano Pontífice compraz-se em constatar o feliz desenvolvimento da Obra da Entronização, no mundo, mesmo nas regiões em que a liberdade da Igreja se acha atualmente enterrada".

A primeira condição exigida por São Boaventura acha-se então bem certamente realizada no caso do Rev. Padre Mateo.

2. — Examinemos agora o segundo sinal dado pelo Santo: "Secundum est zelum animarum in persona quæ mittitur quando scilicet querit Dei honorem et animarum salutem": o zelo das almas, o cuidado da honra de Deus e da salvação dos homens.

Não nos parece necessário estender-nos longamente para mostrar que no Fundador da Entronização igualmente se encontra e é magnificamente realizado mais este sinal. Basta pensar nos cinquenta anos de apostolado ativo, à custa de inensas fadigas e, malgrado muitas contradições, em grande número de países, nas Américas, na Ásia e na Europa. Teve o Padre jamais outra coisa em vista que não fôsse a glória do Rei do Amor? O estabelecimento do seu Reinado nas almas, nas famílias e, por meio destas, na sociedade? Contentemo-nos com este testemunho que encontramos em um Relato que êle mesmo dirigiu, em outubro de 1945, ao seu Superior Geral, o Rev. Pe. Jean du Coeur de Jésus d'Elbée, quando já então sentia em si o ferrão da doença que havia de imobilizá-lo em um hospital: "Vou concluir esta epístola na qual vou constituir-vos meu herdeiro universal, ou antes, lego-vos o meu grande, o meu único tesouro... "Cursum consummavi"... Sim, sinto-me e estou muito doente, gravemente doente; a passos largos, vou-me tornando um inválido. Mas, por uma graça de privilégio especial, posso ainda celebrar a Santa Missa. Posso pregar... Mas durante os retiros, no intervalo das conferências, permaneço como uma massa inerte em cima da cama. Vós, que bem me conheceis, podeis formar idéia, como me sinto feliz por me esgotar assim ao serviço de um tal Rei e de uma tal Causa, que é a da Sua glória".

"Eu, nada tenho a pedir, porquanto a minha tarefa não tarda a terminar, quero dizer, segundo o conselho do Evangelho: "*Servus inutilis sum*": "eu sou um servo inútil". Em vossa grande bondade, dai-me assim mesmo um Memento em vossa Missa. E, se posso exprimir um voto ardente do meu coração, ouse dizer-vos: que, antes de morrer, quereria ver o Revmo. Padre Geral levar "a tocha do amor" de casa em casa, provocando destarte uma conflagração de caridade e, portanto, de santidade, no Instituto. E pois que deveis vossa miraculosa vocação à cara Cruzada, múltiplas vêzes abençoada pela Igreja, não queirais morrer antes de haver obtido a plena realização do "Adveniat" pelo espírito de amor e de santidade de vossos filhos, mas também por seu zelo ardente em fazer conhecer e fazer amar muito o Amor!".

Estas palavras resumem tôda a vida do apóstolo e não carecem de comentário. Além disto, se aqui quisermos relatar os testemunhos dos Papas e dos Bispos, tornar-se-ia o artigo demasiado longo para esta Revista. Penso que ninguém nos contestará a realização do segundo sinal de São Boaventura.

3.º — Resta o último sinal. O Santo assim se exprime: "Tertium est fructificatio et conversio auditorum": os frutos de salvação e de conversão entre os ouvintes.

Aqui, os testemunhos são inumeráveis, tanto do próprio Pe. Mateo, no que diz respeito às conversões, como dos Bispos de todos os países em suas Cartas Pastorais e em sua correspondência com o Fundador; o mesmo se diga dos seus principais colaboradores. Pode-se acaso achar um sinal mais evidente da "fructificatio" das Obras do Padre Mateo do que neste fato, que ele tenha podido obter, graças ao espírito semeado pela sua Obra entre as famílias, a Adoração noturna no lar? Eis que é um exército de mais de mil almas reparadoras, que diariamente durante a noite, e no silêncio do aconchêgo familiar, fazem guarda junto à imagem do Rei do Amor, aproximadamente 450.000 por ano. Aqui ainda, apraz-nos fazer apêlo aos seus próprios sentimentos no Relato de outubro de 1945, que mais acima já utilizamos. O Padre escreve: "Por tôda a parte onde a Obra conquistou um elemento cristão, o segredo assegurado desta conquista foi e será sempre a *Adoração noturna no lar*. Ela é, não há dúvida, ela permanecerá sendo sempre a fôrça desta guerra santa que é a nossa, a medula central e vigorosa do que nós chamamos "*o reinado familiar e social do Coração de Jesus*". A explicação é tão doutrinal quanto simples: a Adoração noturna tem o poder de uma grande oração, irrigada de uma penitência e atizada por uma chama de amor eucarístico e reparador. Que garantia de sucesso sobrenatural! êste gesto de rara beleza e de infalível eficácia! Aqui, é bem o momento de lembrar um fato comovedor e que se torna corrente entre o exército numeroso de nossos Adoradores: não se lhes pede senão uma única adoração por mês; porém, uma maioria dá em geral três e até quatro. E isto vem a ser coisa normal tanto entre os ricos como entre os humildes e pobres. Concluimos afirmando que é um grande espírito de fé e de amor que alimenta esta lâmpada do lar. Encontrei adoradores em lugares onde o Clero nada havia feito pela Entronização. A propósito, um caso bem interessante: ao terminar uma bela reunião, um Arcebispo me disse ao ouvido, mostrando-me um grupo numeroso de adoradores: "êles pertencem todos à paróquia do único sacerdote de meu Arcebispado que votou contra, alegando que é pedir muito, que isto jamais tomaria raiz em uma paróquia"!

"No ponto em que a Entronização toma raízes e se desenvolve, a alma de fogo que a sustenta é a Adoração. Mas no local em que ela ainda não adquiriu direitos de cidadania, a adoração é um precursor irresistível e conquistador. Com freqüência a Entronização não pode ser feita em uma família na qual, digamos, existe um pai que se opõe ou, pior ainda, uma situação delicada e mesmo escandalosa. Mas é então, e sobretudo então, que é possível encontrar em seu seio uma Maria orante e penitente que será a lâmpada adoradora, a hóstia redentora desta família. E com o seu amor e a sua adoração, ela prepara a vitória do Coração de Jesus neste lar de onde pelo pecado Ele havia sido exilado. Maria, que ora e que chora, prepara a ressurreição de um Lázaro".

(Continuará no próximo número)

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Encontro de Educação Familiar e Doméstica

Com a finalidade de congregar os esforços para maior aperfeiçoamento e elevação de nossas Escolas de Educação Familiar e Doméstica, realizou-se no Rio, de 10 a 11 de outubro o primeiro encontro de Educadoras Familiares.

Os trabalhos foram iniciados por D. Martinho Michler OSB, presidente da CRB, que lembrou a necessidade da afirmação constante dos princípios cristãos na atualização dos meios.

Várias Escolas se fizeram representar:

- Escola de Educação Familiar S. Pedro Canísio (Irmãs de S. Pedro Canísio) *Iratí* — Paraná.
- Cruzada das Senhoras Católicas (Irmãs Franciscanas do Coração de Maria) *Santos* — S. P.
- Patronato São Francisco (Irmãs Franciscanas do Coração de Maria) *Campinas* — S. P.
- Escola de Educação Familiar do Paraná (Sociedade das Filhas do Coração de Maria) *Curitiba* — Paraná.
- Instituto Sta. Amália — da Liga das Senhoras Católicas (Franciscanas Missionárias de Maria) *São Paulo* — S. P.
- Casa Coração de Jesus — Núcleo de Ensino Profissional Livre (Franciscanas do Coração de Maria) *São Paulo* — S. P.
- Escola de Educação Familiar (Missionárias de Jesus Crucificado) *Lages* — S. C.
- Escola de Educação Familiar (Missionárias de Jesus Crucificado) *Londrina* — PR.
- Escola de Educação Familiar — Instituto Social (Soc. das Filhas do Coração de Maria) *Rio* — GB.
- Fazenda Patioba — Universidade Rural (Soc. das Filhas do Coração de Maria) *Rio* — GB.
- Escola em Projeto de Organização (Irmãs Franciscanas) *Urubici* — S. C.

Em síntese foram os seguintes os temas desenvolvidos:

Repercurssão das Ciências Familiares — Madre S. Cristol — Francisca-na Missionária de Maria.

— Apostolado comum das E.E.F. na formação integral da personalidade para sua repercussão na família — profissão — magistério.

Definição da carreira de Economia Doméstica — C. G. Marsaud — Filha do Coração de Maria.

— A necessidade de uma matéria especializada com o título de Economia Doméstica que orientará o estudo nos seus pontos principais.

Desenvolvimento da personalidade feminina através das ciências Familiares e Domésticas — Pe. Paulino Bressan CRSP.

— O Equilíbrio é a nota da personalidade integral que deve ser a característica do educador.

Serviço de Extensão — D. Maria de Lourdes Palmer E.F.

— Organização e funcionamento do S.E. nas diversas regiões.

Paróquias — D. Lygia Barcelos — A.S.

— Experiência em Araruama — possibilidade de realização sem grandes recursos e princípios bem firmados.

O trabalho feminino como problema atual — sua repercussão na vida social moderna — D. Irene Tavares de Sá.

Após sentirmos e analisarmos juntas os problemas e dificuldades de nossas Escolas tivemos o encerramento do Encontro pelo Revmo. Sr. Pe. Arthur Alonso S.J. — Reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AS CONCLUSÕES

- 1 — Necessidade de congregar os esforços para o desenvolvimento do ensino das Ciências Familiares e Domésticas.
- 2 — Aceitação da proposta da AEC de organizar um Departamento especializado para as Escolas e Cursos de Educação Familiar e de Economia Doméstica.
- 3 — Recomendação a todas as entidades católicas que se interessam pelo assunto, a se afiliarem ao novo Departamento.

Departamento de Serviço e Assistência Social da CRB. — Outubro, — 1961.

Jubileu de Prata da Congregação das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada

A Congregação das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada, fundada em São José dos Campos, Diocese de Taubaté, Estado de São Paulo, por sua Excia. D. Epaminondas Nunes D'Avila e Silva e por Madre Maria Tercza de Jesus Eucarístico, canonicamente erecta em 8 de novembro de 1936, comemora este ano, o seu Jubileu de Prata.

As cinco primeiras iniciadoras da Obra, 320 se juntaram. De um pequeno Pensionato, 22 casas surgiram.

Vinte e cinco anos se passaram sob o labéu da Virgem Imaculada e à sombra da Eucaristia, mantendo incólume o espírito que vivificou a sua origem e a finalidade que orientou seus passos.

Passos a trilharem sempre em busca das almas através de Sanatórios para tuberculosos, Hospitais para todas as enfermidades, Asilos para Velhos e inválidos, Creches e Preventórios para crianças desamparadas, Assistência ao Sacerdote e ao Seminarista; Obras Sociais e Paroquiais e preparo técnico de seus membros.

Vinte e cinco anos de luta! Vinte e cinco anos de vitórias em que a Congregação pode deixar gravados aqui na terra, os traços inconfundíveis da DIVINA PROVIDÊNCIA.

Superiora Geral em visita ao Brasil

Desde o dia 24 de setembro acha-se em visita à Província do Brasil a Superiora Geral das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, Irmã Maria Voluntas Dei.

Em 11 de abril de 1949 chegaram as primeiras Irmãs para lançar a semente da Congregação no Brasil.

Com o aumento de vocações, a Congregação foi se espalhando em diversos recantos do Brasil. Baseadas no espírito do venerando fundador, Dom Luiz Orione, vão realizando seu ideal, seja cooperando com os Filhos da Divina Providência, seja aliviando em suas próprias casas as misérias morais e materiais da infância e da velhice desamparada. Têm casas em Paraíba do Sul-RJ (Instituto Imac. Coração de Maria, com anexas Casa Provincial e Casa de Formação) Juiz de Fora-MG, Rio de Janeiro-GB, Niterói-RJ, Siderópolis-SC, Rio Claro e Guararapes-SP.

Depois de 12 anos abençoados por Deus, a visita da Madre Geral vem infundir nos corações das Religiosas novo entusiasmo e nova força.

BIBLIOGRAFIA

Pe. Valdomiro Pires Martins. NOMES DE BATISMO, Canônicos e profanos — Léxico Onomástico. Petrópolis, Ed. Vozes, 1961, 432 pgs.

Ótima e oportuna a idéia do Pe. Martins em fornecer, nesse pulular de nomes de tôdas as côres e de todos os timbres, um guia na escolha de nomes cristãos para o batismo e o registro civil. É a recomendação antiga e sempre repetida da Madre Igreja, de impor à criança um nome que lhe sirva de exemplo, de guia, de protetor.

O Autor divide a obra em quatro partes:

1) *Calendário onomástico* (p. 25-184): indicação, a cada dia do ano, dos nomes de santos do martirologio romano como de martirologios particulares, lugar e ano de falecimento, ordem, etc.;

2) *Alfabético onomástico* (p. 187-314): todos os nomes dos santos já mencionados na 1.^a parte são catalogados em ordem alfabética, com indicação também da ordem, lugar e ano de falecimento, dia correspondente no calendário;

3) *Variantes, equivalências ou aproximações, hagiológicas* (p. 319-376): alterações, variações, formas várias, também em língua estrangeira (por causa de imigrantes), com indicação do santo correspondente e dia de sua festa;

4) *Repertório de nomes profanos*:

em ordem alfabética são apresentados 4.759 nomes que não têm um santo correspondente.

Estranhamos na primeira parte a omissão das festas de N. Senhor e de Nossa Senhora, que aparecem somente na segunda parte; a citação desses nomes poderia ser de auxílio às famílias que escolhem o nome a impor entre os santos do dia, e nós todos sabemos que nomes como Lourdes, Fátima, Aparecida, Conceição, Assunção, já são comuns no Brasil.

Muitos nomes são indicados entre os profanos quando existe já um santo: assim Agripina, Aida (ainda que nome de ópera), Dalmácio, Silvano, etc. Não concordamos que não seja cristão um nome usado em outro gênero: será que Mário (em honra de Maria) é profano? Assim Adélio, que tem seu correspondente, Sta. Adélia. Um nome não se torna profano por ter uma origem estrangeira: Vânia, Vanildo, têm sua raiz no russo Ivan, que seria o nosso João. Marialda não é profano, já que temos Maria (N. Sra.) e Sta. Alda. A p. 333: Enzo, variante de Encio? e até de Henrique? Já que o autor indica a origem (it), porque não mostrar que é a abreviação de Vincenzo

(Vicente) ou de Inocenzo? Abreviação de Henrique seria Rico ou Eurico, nunca Enzo.

Não achamos muito prático o uso de abreviações, que requerem anos de consulta para se chegar a um conhecimento completo e rápido.

Estes pequenos reparos em nada

diminuem a importância e a necessidade da obra que recomendamos a todos, para que se torne um livro de consulta nas famílias, e principalmente nos escritórios paroquiais, onde muitas vezes pode ser evitada a imposição de nomes exóticos e até anti-cristãos.

F. J. M.

Thomas Merton — DIÁRIO SECULAR. Trad. de Alceu Amoroso Lima.

Merton é hoje uma figura internacional nos meios espirituais. Alceu Amoroso Lima afirma que T.M. "é a maior figura humana viva dos Estados Unidos". Em assuntos relativos à vida contemplativa é uma autoridade.

Por que será que se publicou este *Diário Secular*, por nós conhecido graças à Editora Vozes, com tradução do mestre Alceu Amoroso Lima? Não julgamos que seja pelo valor intrínseco, objetivamente considerado, mas antes como uma achega valiosa ao estudo da personalidade de Merton, oferecida por ele próprio.

Poderá servir de complemento à *Montanha dos sete patamares* e ao *Signo de Jonas*, seja para certos estudos biográficos, seja para a compreensão da evolução espiritual sofrida pelo autor.

Na verdade, este *Diário* não é bem

um "diário", pois entre dois escritos datados, há, por vezes, intervalos de mais de um mês; é uma miscelânea de idéias, de ocorrências, de impressões, onde despontam os talentos do romancista, as análises do psicólogo, ao lado das tendências do crítico literário.

Tanto é apresentada uma produção literária como uma referência à maldade do mundo ou uma consideração de ordem filosófica e mesmo teológica, tudo nesse estilo de gênero, em que igualmente recebe guarida certo diletantismo literário, nem sempre servido com idéias de primeiro valor.

Talvez, por tudo isso, é que este livro constitui um depoimento, sobretudo de ordem psicológica, para um estudo cabal da personalidade de Thomas Merton, certamente uma das mais marcantes dos dias de hoje.

I. J. D.

OUTRAS PUBLICAÇÕES ENVIADAS À REDAÇÃO

O QUE É O COMUNISMO? (Cruzada Brasileira Anticomunista, 1.º). Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 40 pgs.

PLANOS RUSSOS VISANDO O DOMÍNIO MUNDIAL. (Cruzada Brasileira Anticomunista, 2.º). Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 32 pgs.

COMO SE DESENVOLVE A OFENSIVA COMUNISTA. (Cruzada Brasileira Anticomunista, 3.º). Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 126 pgs.

Pio XI. A IGREJA FRENTE AO RACISMO NAZISTA. Carta Encíclica "Mit Brennender Sorge" (Doc. Pont. 133). Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 32 pgs.

Pio XII. A IGREJA FRENTE AO EXISTENCIALISMO MODERNO. Radiomensagem Natalícia de 1957 (Doc. Pont. 134). Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 24 pgs.

João XXIII. SOBRE A RECENTE EVOLUÇÃO DA QUESTÃO SOCIAL. Carta Encíclica "Mater et Magistra". 2.ª ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 64 pgs.

Pe. Dr. Frei Boaventura Kloppenburg OFM. AS PORTAS DO XXI CONCÍLIO ECUMÊNICO. Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 32 pgs.

Ferdinando Giovinazzo. CAXINGÓ — O MISTÉRIO DO RIO TURVO. Petrópolis, Ed. Vozes, 1961. 68 pgs. ils.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro 18 de novembro de 1961

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM Cap.

Censor Eclesiástico